

MORGANA LUCHTEMBERG DE BEM

**O DESEJO NA PROFISSIONALIZAÇÃO DO PSICÓLOGO:
UM MARCO E UM PERCURSO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção - Área Ergonomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: **Profª Dra. Maria de Fátima da Silva Duarte**

**FLORIANÓPOLIS
2003**

TERMO DE APROVAÇÃO

MORGANA LUCHTEMBERG DE BEM

O DESEJO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO PSICÓLOGO: UM MARCO E UM PERCURSO

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em pelo Programa de Pós em Engenharia de Produção – Área Ergonomia da Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Edson Pacheco Paladini
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção em Ergonomia

Banca Examinadora:

Profª Dra. Maria de Fátima da Silva Duarte
Orientadora

Prof. Dr. Carlos Augusto Monguilhott Remor
Co-orientador

Prof. Dr. José Luiz Fonseca da Silva Filho
Membro da Banca

Profª Drª Carmem Ojeda O'Campo Moré
Membro da Banca

Florianópolis, 31 de março de 2003

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Profa. Dra. Maria de Fátima da Silva Duarte pela confiança depositada na elaboração desse trabalho.

Agradeço ao professor Dr. Carlos Augusto Monguilhott Remor que generosamente dispôs de seu precioso tempo para as minhas pequenas e grandes dúvidas que, sempre resolveu com paciência e cordialidade.

Agradeço ao Marco, meu companheiro de todas as horas por seu interesse, apoio e amor.

Agradeço a Elusa de Oliveira por sua disponibilidade em me ajudar nos momentos mais difíceis.

Agradeço a todos os amigos e parentes que de uma forma ou de outra, contribuíram para a conclusão desta tarefa.

SUMÁRIO

RESUMO	.v
ABSTRAT	.vi
1 INTRODUÇÃO	.1
1.1 O DESEJO: VOU SER PSICOLOGO	.1
1.2 DA DISSERTAÇÃO	.3
1.3 PRIMEIRO PRESSUPOSTO	.3
1.4 SEGUNDO PRESSUPOSTO	.4
1.5 A ABORDAGEM DA ERGONOMIA NO CONTEXTO DESTA APRESENTAÇÃO	.5
1.6 OBJETIVOS	.7
1.6.1 Objetivo Geral	.7
1.6.2 Objetivos Específicos	.7
2 REVISÃO DE LITERATURA	.8
2.1 TEORIAS DO DESEJO	.8
2.2 PULSÃO	19
2.3 SUBLIMAÇÃO	23
2.4 A PRÁXIS DA PSICOLOGIA	28
2.5 ERGONOMIA E PSICOLOGIA DO TRABALHO	36
3 METODOLOGIA	42
4 DISCUSSÕES	48
5 CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	74
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS	79
ANEXOS	81

RESUMO

O problema que constituiu nosso tema, a saber, partiu das relações do desejo com a formação de uma identidade profissional. O presente trabalho introduz fundamentos e esclarecimentos teóricos e práticos estruturados a partir das teorias psicanalíticas. Método: Partiu-se de um experimento de campo utilizando entrevistas semi-estruturadas e os achados foram revisados através de bases teóricas e referenciais psicanalíticos, na busca de um entendimento do desejo (inconsciente) de (vir a) ser psicólogo. Foi dado destaque ao discurso espontâneo do entrevistado e à expressão nítida da incerteza sobre quais determinantes foram de importância maior para essa escolha. Resultado: Essa experiência psicológica sumária concorda com os estudos mais recentes das teorias do desejo da psicanálise. Reconheceu-se os tipos diferenciados de anseios profissionais que estão longe de abranger, em um único sujeito, as diversidades dos dons inatos, dos talentos e dos temperamentos, mais longe ainda de responder as variações quantificáveis das propriedades orgânicas primárias, como as reações emocionais genéticas. Enfatizou-se a subversão do sujeito pela linguagem, o domínio do inconsciente e a lógica do significante interligados com as estratégias e os mecanismos psicossociais. Entendeu-se que essa investigação satisfaz esta constatação: o sujeito entrevistado é sujeitado, pela cultura, a uma escolha profissional.

Palavras-Chave: ergonomia, escolha profissional, psicanálise

ABSTRACT

The central issue addressed is the relationship between desire and professional identity. To approach this concern, fundamentals of theoretical and practical based psychoanalytic theories were introduced. Method: we started from a series of semi-structured interviews applied in a workfield and the findings were seen through a psychoanalytical model, searching an understanding a relationship between the unconscious desire to become a psychologist. The free and spontaneous discourse of each subject was examined as well as to the clear evidence of the subjects uncertainty on what were the main determinants of his choice. Results: It was apparent that this psychological experiment agrees with those more recent psychoanalytic theories on desire. It was also seen that those more common theories are far from answering, in one only subject, the diversity of inherited talents, temperaments and further, from relating those quantified variations of organic properties, namely emotional reactions genetically transmitted. It was expressed some understanding on the submission of the individual by the language, the prevalence of the unconscious and the signifier logic intertwined with the strategies and psychosocial arrangements. It is evident that this investigation brings understanding to the point: the interviewed subject is submitted to a professional choice by his culture.

Key words: ergonomics, professional choice and psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação reporta-se a pesquisar o desejo na escolha profissional da psicologia. Um desejo, mais especificamente, de tornar-se um psicólogo atuante. Interessa-nos investigar, dentro de uma metodologia delimitada, o que acontece com relação a subjetividade dos sujeitos, o que pensam, suas razões e experiências para tomarem esta resolução: virem a ser psicólogos? Também, inquieta-nos a forma como pensam em seu trabalho, suas aspirações, suas frustrações e fantasias em relação à profissão. Todos esses assuntos, já abordados pela literatura psicológica, parecem configurar um lugar comum nessa ciência, o que nos faz cogitar, entretanto, que possamos discutir, ou, quem sabe, acrescentar algumas questões pertinentes à imensidão dos aprofundamentos teóricos já estabelecidos.

1.1 O DESEJO: VOU SER PSICÓLOGO?

Não precisamos referendar o significado coloquial desse vocábulo aparentemente simples e repetitivamente apresentado por todas as formas de comunicação. E partimos, atentamente, a aprofundar e entender quais revelações simbólicas e imaginárias e reais poderiam ser encontradas no vocábulo desejar, que entendemos ser a chave de abertura para a busca de uma identidade profissional. A reflexão sobre a tomada de decisões nos conduziu diretamente ao universo de significações que estão contidas no desejo. Exatamente neste ponto, seria por onde poderíamos entrar para, quem sabe, desvelar o racionalismo oculto que poderia ter dado origem a estes comportamentos de busca.

Na explicação sobre a questão do desejo, podemos conjecturar respostas simples, tais como: “eu quero ajudar as pessoas”, mas toda escolha revela motivos, anseios e versões singulares.

Há, nessa opção, algo a ser pesquisado e aprofundado pela ciência. Não se pretende dar conta da amplitude do desejo, ou dar as respostas sobre o vir a ser psicólogo, e sim assinalar algumas considerações entre os fatos empíricos e o referencial teórico utilizado.

Independente do momento da opção profissional, sendo o sujeito adulto ou

jovem, escolher uma profissão é estar diante das diferentes opções profissionais. Nessa perspectiva, quais os “verdadeiros” motivos de querer ser um profissional na área da psicologia? Diante da diversidade de propostas de trabalho, o momento de decisão da escolha profissional geralmente é precedido de angústia e indefinição. Considerando que, para boa parte dos indivíduos, escolher uma profissão é motivo de apreensão e inquietação.

A análise do desejo de escolher uma profissão, como a de psicólogo, pode ser abordada por infinitos enfoques e dentro de um campo ilimitado do conhecimento. Partimos desse amplo universo de propostas conjecturais, para o esclarecimento dessas questões, em uma delimitação teórica apoiada largamente em teorias do inconsciente e da psicanálise. Viveremos o resultado de questionamentos subjetivos aplicados a profissionais da área e discorreremos sobre esses discursos do desejo de virem a ser psicólogos em relação à atuação profissional.

Aspira-se entender algo sobre a origem desse desejo, qual é esse desejo e o que se passa com o sujeito quando opta por esse campo de atuação nesse tempo de escolha de sua identidade profissional. Mais especificamente, o percurso do desejo, desde o instante em que foi identificado, depois, progressivamente elaborado e, finalmente, “concretizado” de vir a ser psicólogo, e a relação que os depoimentos dos entrevistados possuem com o tema proposto.

Neste momento, parece-nos oportuno ressaltar que, da mesma forma que ocorre em outras áreas profissionais que implicam em formação de terceiro grau, o número de estudantes brasileiros que conseguem terminar o ensino médio é pequeno (40%), menor ainda é a parcela da população que consegue (socialmente) ter acesso à escolha de profissões via universidades (BRASIL, 2002). Sabe-se que, em nosso meio sócio-cultural brasileiro, os que conseguem ingressar numa universidade são geralmente estudantes de classe média alta, citando apenas o acesso às universidades públicas, o que dizer desse acesso, então, em instituições particulares? Por si só, escolher uma opção acadêmica significa, entre outras coisas, ter condições psicossociais para sustentar anos de estudo, com pouca ou nenhuma chance de remuneração precoce.

O lugar do psicólogo e sua atuação passaram por significativas transformações ao longo da história. Essas transformações se confundem com o

próprio caminho da psicologia, suas teorias e sua prática. Inúmeros autores utilizam o termo “psicologias” em vez de psicologia, pois não se consegue definir concretamente o objeto de estudo desta ciência, sem que discussões arrebatadoras façam-se em torno do assunto. Até o fato de a psicologia ser chamada de ciência pode gerar controvérsias. Importa lembrar que o que buscamos neste estudo não é a definição de psicologia, do papel do psicólogo na sociedade, de sua técnica ou de seus métodos, mas o que em seguida passaremos a discutir.

1.2 DA DISSERTAÇÃO

Trataremos, nesta dissertação, principalmente, com o referencial teórico do conhecimento psicanalítico, conforme Freud representou as questões do determinismo psíquico, através de seu importante referencial do inconsciente. Tendo, sua imensa obra, sido revisada, acrescida significativamente e novamente ampliada no nosso tempo por seus seguidores, a psicanálise foi escolhida por conter debates teóricos já suficientes e eficientemente ligados às questões do desejo, ponto central desta discussão.

1.3 PRIMEIRO PRESSUPOSTO

Torna-se um pressuposto fundamental que o desejo de tornar-se um psicólogo só se constituirá como desejo, se estiver sendo realmente concretizado, só vai ocorrer se houver um instante, temporalmente apresentado, de querer aproximação real com essa área de trabalho. No mesmo movimento está o desejo, determinante *sine qua non* das ações necessárias para a realização desse estado, ou seja, o desejo passa a ser configurado em um ato simbólico. Esse desejo só irá ser considerado desejo, quando se suceder de atuações manifestas, tais como, a busca ativa para a preparação do vestibular e o ingresso numa universidade da área. Pretendemos que o desejo de vir a ser psicólogo somente seja entendido como tal, quando iniciado, pelo menos, em formação profissional, com a conclusão do percurso acadêmico e a aliciação profissional. Se o desejo de vir a ser psicólogo não chegar, não atingir a profissionalização, se não for um percurso, o que se

chama desejo presume-se ser somente vontade. O ato, ou seja, a conclusão do percurso acadêmico marca o desejo. É o ato que objetiva o desejo, que só vai se concretizar quando tiver o ato que o sustente. O ato psicanalítico é um conceito teórico que concretiza a intervenção dentro dessa práxis.

Intriga e mobiliza-nos, surpreende e nos fascina o poder pinçar, este vir a tomar forma, os fragmentos dessa escolha na torrente de processos decisórios que um jovem ou adulto deverá tomar, para a facilitação do seu desenvolvimento de identidade.

Assim motivados, ficou, de pronto, muito convincente que somente as revelações e soluções apresentadas pelo vasto campo do conhecimento, que aqui denominamos psicanálise, falam de “verdadeiros” desejos.

1.4 SEGUNDO PRESSUPOSTO

Como segundo pressuposto básico desta dissertação, entende-se o sujeito desejante como um sujeito sujeitado pelo inconsciente. “O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais.” (FREUD, 1900-1901a)

O inconsciente, nessa perspectiva, não é encarado, como pensa o leigo e algumas correntes psicológicas, como algo profundo, caótico, ameaçador, obscuro e que tem suas leis da linguagem. Segundo LACAN (1985, p. 25) “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

O psicanalista Jacques Lacan, o antropologista Claude Levi-Strauss, o marxista estruturalista Louis Althusser e o crítico literário Roland Barthes operam dentro de pressupostos Kantianos amplos.

Nesse ponto, encontramos-nos com Jacques Lacan (★1901 †1981), psicanalista francês cujo estilo enigmático da leitura das obras de Freud geraram numerosas controvérsias e fragmentações dentro do movimento analítico nos últimos trinta anos. A afirmação principal de Lacan foi desenvolvida sobre a teoria lingüística de Saussure e Jakobson. Assim sendo, a terminologia de Freud de “condensação” psíquicas e “deslocamento” precisavam ser tornadas mais precisas

(um retorno ao conceito), através de uma versão para termos equivalentes à “metáfora” e “metonímia” (THE OXFORD COMPANION TO PHILOSOPHY, 1995). Mas, em ambos os casos, o sujeito não é mais senhor de sua casa, sujeito a todos os acasos e atos falhos de linguagem que se encontram aprisionados no emaranhado do desejo. Assim, a fórmula de Descartes *cogito ergo sum*, Lacan substitui por sua própria criação: *`cogito, ergo sum ubii cogito, ibi nom sum`*, ou “eu penso, portanto eu sou, aí está onde não sou”.

Particularmente, chamou-nos a atenção, por seu enfoque esclarecedor, as apresentações do psicanalista Jacques Lacan, por isso permitimos a inclusão do seu pensar, nesta investigação, sem a extensiva apresentação, visto que é autor de notório conhecimento do universo acadêmico. Em suas publicações mais importantes, localizamos o conceito que mais se adequou ao que pretendemos apresentar. Foi, ao encontrar suas dissertações sobre a gênese dos desejos nos sujeitos, que conseguimos localizar, finalmente, de modo claro e irrefutável, os primeiros entendimentos do estado de desejar, melhor dizendo, do sujeito de desejo.

Nos escritos que apresentou, em meados do século passado, ao refazer importantes contribuições ao universo psicanalítico, demonstrou que a palavra, parte importante da sintaxe, que é aprendida na relação com o outro, permite significados emergentes, de valor intrínseco maior e mais complexos do que o encontro com objetos. Segundo a teoria Psicanalítica, a escolha objetal, no nosso caso específico o desejo de vir a ser psicólogo, é construída em função da influência do desejo de outras pessoas. A noção de homem natural com instintos naturais se perde com a entrada do homem na cultura. O desejo é principalmente construído no desejo dos pais, ou de quem tenha cuidado da sua educação, e, não somente, na cultura de um modo geral. O desejo do sujeito é “desejo de desejo, desejo do Outro”. (LACAN, 1964)

1.5 A ABORDAGEM DA ERGONOMIA NO CONTEXTO DESTA APRESENTAÇÃO

As questões ergonômicas não poderiam estar ausentes nesta discussão. O fato emergente de nossa preocupação é a constatação inequívoca de que estamos tratando de atividade profissional e de que estamos abordando relações com

trabalho humano.

Assim sendo, aparecem, inevitavelmente, as nuances ergonômicas dessa atividade, uma questão que vai influenciar definitivamente o sujeito que trabalha, as situações de trabalho e suas relações com o mundo.

A Ergonomia busca melhorar a interligação entre o trabalho e as capacidades biopsíquicas dos indivíduos, incluindo administração de informação e carga de trabalho. A sua importância é reconhecida pela ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (2003) que a define como: a aplicação das ciências humanas e biológicas, em conjunto com as ciências de engenharia, ao trabalhador em seu ambiente de trabalho, para obter a máxima satisfação do trabalhador e melhorar a produtividade.

Essa definição coloca ênfase em uma tríade de elementos ergonômicos importantes: o conforto, a saúde e a produtividade. Desta forma, a ergonomia procura adaptar o trabalho às capacidades físicas e psicológicas do ser humano, bem como entender suas limitações. Na procura desses objetivos, busca o agrupamento de muitas disciplinas que incluem: anatomia, fisiologia, psicologia, sociologia, física, engenharia.

Dessa definição inicial, pretendemos incluir os aspectos centrais deste estudo. As propostas dos estudos ergonômicos, geralmente desenvolvidos no estado consciente e manifesto das situações relacionadas ao trabalho humano, não poderia deixar de lado os aspectos subjetivos que antecedem o ato laborativo, como a escolha profissional. Portanto, a escolha de uma profissão passa por uma opção de subjetividade. A ergonomia, dessa forma, suscita mais do que a análise do trabalho, cogita sua melhor forma, dado que existe no trabalho uma história, um começo, uma pulsão, um desejo. Aqui os conceitos de pulsão e desejo estão informalmente sinonimizados. FREUD (1923-1925a) nos falou que a pulsão está no limite entre o psíquico e o biológico, como consequência do psiquismo estar num corpo.

Esse desejo implica ser uma questão ergonômica, uma questão que vai influenciar definitivamente o sujeito, que trabalha, em situações de trabalho e nas suas relações com o mundo. A ergonomia, com sua máxima de adaptar o trabalho ao homem, não poderia deixar de lado os aspectos subjetivos na escolha profissional, portanto, a escolha de uma profissão passa por uma opção da

subjetividade.

As teorias psicanalíticas do desejo, aqui abordadas, ainda que na etapa inicial do pensamento clássico das escolas tradicionais, tenciona a estabilidade e rigidez de conceitos antigos, pretendendo, assim, contribuir de maneira integrada à análise ergonômica e dos modos de abordagem da escolha profissional. Desta forma, o estudo do inconsciente, nas questões relativas às escolhas profissionais, cabe ao conjunto das preocupações fundamentais da ergonomia.

Esperamos, assim, contribuir para que o imenso campo do saber psicanalítico participe, de uma vez por todas, do âmbito das preocupações ergonômicas e do desejo da escolha profissional. Acrescentamos, ainda, que essa escolha é a tentativa de união de saberes distintos em prol do trabalho humano.

1.6 OBJETIVOS

1.6.1 Geral

Investigar o desejo (inconsciente) de (vir a) ser psicólogo na relação com a consequência da condição profissional.

1.6.2 Específicos

- a) investigar o desejo em sua relação que foi construída pelos psicólogos com mais de cinco anos de formação e atuantes nessa profissão.
- b) procurar estabelecer correlações que possam haver entre o desejo e a própria prática profissional.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 TEORIAS DO DESEJO

“Eis o grande erro de sempre - imaginar que os seres pensam aquilo que dizem” (LACAN, 1986, p. 227).

LACAN (1986) diz que o sujeito não sabe nada de si, porém pensa saber. Que, em análise, ao conduzi-lo no processo da procura da verdade, encontrar-se-ia com o desconhecimento de si mesmo, que estaria por detrás da função do *eu*. Por detrás da linguagem, não existe uma verdade, pois, em análise será construída. O *eu* é falsificador, é o sujeito do enunciado, preocupado com as questões socialmente aceitas, com as regras, com a cultura. O *eu* está perdido em seu desejo, está alienado no Outro. No método psicanalítico, o caminho seguido é o de fazer com que o sujeito reconheça-se como alienado. Isso corresponde a introduzir outros significantes, agora, interpretados através do desejo do sujeito, de sua “estrutura” já desestruturada. Esse desejo que também é desejo de outro, deve ser analisado, como prevê a literatura psicanalítica, sempre em relação à alienação histórica da cultura social. “O ego é construído numa imagem fora de nós mesmos. A nossa identidade está numa alienação.” (LEADER; GROVES, 1996, p. 28)

... todas as nossas tentativas e instruções têm por objetivo, no momento em que libertamos o discurso do sujeito, retirar-lhe toda a função verdadeira da fala – através de que paradoxo conseguimos pois reencontra-la? Esta via consiste em extrair, da linguagem, a fala. Qual será, sendo assim, o alcance dos fenômenos que se passarão no intervalo? Este é o horizonte da questão que tento desenvolver perante vocês. (LACAN, 1986, p. 234)

No sujeito, habitam, simultaneamente, aquilo que a lingüística chama de sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação. Este último é excêntrico em relação ao primeiro, mas também, importa-se com que o outro fala. O sujeito do enunciado é o sujeito social e coincide com o sujeito da gramática, enquanto que o sujeito da enunciação fala de desejo. O sujeito da enunciação aparece entre lapsos, sonhos, chistes, sintomas, atos-falhos e só quer satisfazer-se.

O ego “consciente”, ego mediador, que está entre as normas e a libido, ou entre o ego ideal e a possibilidade do ego, aquele que é comumente visto com poder

de síntese, que integra o *id* e o *superego*, mais precisamente o *eu*, não é o *ego* falado por Freud. Não é incomum ouvir dos psicólogos leigos em psicanálise que o *eu* é o intermediário entre as pulsões e o *supereu*. O *eu*, pelo contrário, escapa à própria síntese, é indefinido. O *eu* é regido por desejos inconscientes e mesmo assim, tenta sempre a integração, tenta a unificação, mas não pertence somente ao mundo da razão e da consciência. A tarefa do *eu* é manter o sentimento de coerência e unidade no sujeito.

FREUD (1923-1925a) com seu entendimento de objeto, como aquele que foi perdido, como aquele objeto que causa desejo, mostra nos o quanto o sujeito não se encontra com seu objeto de desejo e o perigo de apreendermos uma imagem dualista desse processo.

Assim, o *eu* e o *id* também não podem ser colocados como oposição. (FREUD, 1926) sinaliza, em *Inibições, sintomas e ansiedades*, que nós estamos justificados em dividir o *eu* do *id*, agora, por outro lado, o *eu* é idêntico ao *id*. Se dividirmos o *eu* do *id*, então, nós estamos fazendo um *splitting*, cortando, dividindo. Agora, se o *eu* permanece entremeado com o *id*, é indistinguível deste, aí podemos ver a força do *eu*. O mesmo é verdade da relação entre o *eu* e *supereu*. Na maior parte do tempo, eles estão fundidos, e nós só poderíamos distinguir um do outro quando existe uma tensão entre os dois.

LACAN (1966) enfatiza que o *eu* é a precipitação de uma identificação e funciona como uma tentativa de manter uma relação com o objeto perdido de amor, através da modelagem e internalização do seu objeto. Para LACAN (1966), o *eu* é o resultado de uma identidade com a qual o sujeito jamais poderá coincidir completamente. Nele encontramos todas as fontes de agressão, tudo do que o *ego* se defende para destruir a sua cópia, para que esta não possa ocupar o seu próprio lugar, praticamente, uma paixão inútil e sem fim.

O *id* pode ser tratado como sendo personalidade, já que o *id* corresponde a uma pulsão que está sempre tentando frustrar a unidade ideal idealizada do *ego*. O *id* é um *drive* ou *triebe* que está sempre incomodando a idéia de que o *eu* possa ser o único ideal. O *drive* do *id* somente surge quando ele é submetido ao significante. Acima de tudo, não existe, então, *eu* e *id* separados, um sem o outro. O *id* pode se “equivaler” à pulsão e essa pulsão somente emerge com o significante ou com o outro, podemos dizer que o *id* não é uma estrutura natural e nem um *id* permanente.

O *id* e a pulsão não devem ser encarados como uma linguagem, mesmo assim, não são possíveis sem uma linguagem. Segundo BRYANT, P. (2002) “O *id drive* é aquilo que permanece depois que o sujeito foi submetido a linguagem.”

Em termos freudianos, o *eu* é um sintoma, se o encararmos como uma forma substituta de produção de satisfação, o que foi denominado de satisfação narcisística primária. “Se o eu é estruturado como um sintoma, fica impossível dizer que os sintomas surgem como resultado de conflitos entre o eu e o inconsciente.” (BRYANT, L. 2002)

Para FREUD (1900-1901), é com a primeira experiência de satisfação que se introduz a questão do desejo. A criança só passará a sentir desejo após a primeira satisfação inesperada. O que fará eternamente é perseguir esse desejo do inesperado. Nesses momentos de primeiras satisfações, o que era uma necessidade passa a ser demanda, a partir do traço mnésico gravado no psiquismo. Ou seja, “uma imagem mnemônica permanece associada ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade” (GARCIA ROZA, 2000a, p. 145). Toda vez que houver uma necessidade por parte da criança, o traço mnésico será reativado, e a criança irá reproduzir alucinatoriamente uma satisfação original.

Com a repetição das experiências de satisfação, a imagem mnésica será distinguida da satisfação real. A criança haverá de demandar sua necessidade através de sinais que vão sendo significados na sua relação com a mãe. Nesse sentido, Lacan nos dirá que o desejo está alienado no desejo do Outro. “Eu é um termo verbal, cujo uso aprende numa certa referência ao outro, que é uma referência falada. O eu nasce em referência ao tu” (LACAN, 1986, p. 223).

GARCIA-ROZA (2000a, p. 145) comenta também que “Portanto, o que caracteriza o desejo, para Freud, é esse impulso para reproduzir alucinatoriamente uma satisfação original, isto é, um retorno a algo que já não é mais, a um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta.”

É através do movimento de introjeção que o que estava fora se interioriza. O sujeito aprende, num movimento gradual de introjeção e projeção, a fazer identificações, mediado pela linguagem. “A identificação com o outro é um princípio organizador do desenvolvimento, ao invés de um momento único na infância. Se eu me identifiquei com uma imagem fora de mim, já posso fazer coisas que não poderia fazer antes. A sensação que essa imagem me dá, de ficar mais completo, me trás

também mais domínio sobre o corpo.” (LEADER; GROVES, 1996, p. 21)

Essa alienação na imagem corresponde ao *eu*: o *eu* é constituído por uma identificação alienante que está baseada nessa falta inicial de prontidão (preparação) do corpo e do sistema nervoso. O *eu*, agora, parece inteiro e completo, já além do estado desordenado e fragmentado do corpo. Assim, o *eu* é sempre uma agência falsa em funcionamento, para esconder uma perturbadora falta de unidade corporal (LEADER; GROVES, 1996, p. 21).

FREUD (1923-1925a) salienta que o *eu* é a continuação nascida de uma gratificação do narcisismo primário. Freud apresentou isso e diz que essa coisa perdida é um objeto impossível. Essa coisa perdida e impossível é obviamente a mãe, e nossa relação com os objetos percebidos é precedida de relações de identificações. Por isso, é concebível que o *eu* tenha uma função de síntese, como alguns psicólogos fazem. Assim, o *eu* é um substituto de satisfação para o narcisismo primário que foi perdido na infância, e o *eu* é, portanto, em si mesmo, um sintoma, já que sabemos que os sintomas são satisfações substitutas. FREUD (1923-1925a) deixou muito claro que isso ocorre para evitar a ansiedade. Ansiedade, para Freud, significava a ameaça de perder, de lidar com uma ansiedade que emergiu, porque o ser já não se sente mais como falo da mãe e único objeto de seu amor (BRYANT, L., 2002).

O sujeito, na passagem do complexo de Édipo, sujeita-se ao simbólico. Dos vários momentos do complexo, um demarca a entrada no simbólico. É com a entrada, em cena, do Nome do pai, que a criança se distancia simbolicamente da mãe, passando ao posto de sujeito desejante, em vez de objeto de desejo da mãe. Essa criança de desejo, castrada pela lei do pai, porta a falta absolutamente necessária para que esse espaço seja ocupado por novos objetos, ou seja, a criança desvia a catexia da mãe para componentes narcísicos, onde faz identificações. É através do Complexo de Édipo que o “pai externo” torna-se supereu tendo acesso, através da linguagem ao simbólico.

Segundo DOR (1989, p. 107):

A relação do sujeito com seu próprio discurso sustenta-se, portanto, em um efeito singular: O sujeito só está ali presentificado ao preço de mostrar-se ausente em seu ser. Além desta relação *acusar* mais uma vez a estrutura de divisão do sujeito, ela evidencia que o sujeito, tão logo acede à linguagem, perde-se nesta mesma linguagem que o causou. Não somente o sujeito não é causa da linguagem, mas é causado por ela.

Assim como nos mostrou Freud no jogo de uma criança, um certo carretelzinho acompanhado da linguagem do *Fort* e do *Da*, o sujeito que fala, substitui, pela palavra, situações de conflito. O sujeito simboliza. Dessa forma, o sujeito se aliena do desejo do outro, num movimento de balança (troca), no momento que integra a imagem do outro. “É no outro, pelo outro que o desejo é nomeado.” (LACAN, 1986, p. 232). Nomeando o confronto, o sujeito poderá idealizar o que deseja utopicamente. Essa situação irá indefinidamente projetar novos significantes sobre outros, e o desejo novamente surgirá com novos conteúdos, sob mesma forma. “... o desejo alienado é perpetuamente reintegrado de novo, retrojetando para o exterior o ideal-ich. É assim que o desejo se verbaliza. Há aqui um jogo de balança entre duas relações invertidas. A relação especular do ego, que o sujeito assume e a projeção sempre pronta para se renovar no ideal-ich”. (LACAN, 1986, p. 233)

O sentido da palavra, parte importante da sintaxe que é aprendida na relação com outro, torna-se mais importante que sua causa. “O símbolo emerge e torna-se mais importante que o objeto” (LACAN, 1986, p. 239). Este processo entre o imaginário e o simbólico faz com que o sujeito fique alienado do outro, integrando-se à forma do *eu*. O *eu*, com seus desejos, tentará ser reconhecido pela linguagem, único elo possível de reconhecimento humano. “A fala é essa dimensão através da qual o desejo do sujeito é autenticamente integrado no plano simbólico. É somente quando ele se formula, se nomeia diante do outro, que o desejo, seja ele qual for, é reconhecido no sentido pleno da palavra. Não se trata de satisfação de desejo, nem de não sei que *primary love*, mas, exatamente, do reconhecimento de desejo” (LACAN, 1986, p. 246).

O desejo está na origem do discurso freudiano (LACAN, 1999). “O desejo não é um efeito colateral” (LACAN, 1999, p. 261). Ele é um tema central a ponto de Lacan situar o discurso onde: “O mundo freudiano não é o mundo das coisas, não é o mundo do ser, é o mundo do desejo enquanto tal” (LACAN 1985, p. 280). O desejo só pode realizar-se através da linguagem simbólica, através do desejo do outro, que foi visualizado como imagem unificada. O desejo só existe na linguagem e está em relação estreita com a cadeia significante. O desejo desliza numa rede de significantes. Para cada objeto “encontrado”, vários significados podem surgir. Desse

encontro é gerado um novo significante, formando uma rede complexa onde o desejo desliza por contigüidade, através de errantes significantes. “Partindo da tese de que o mundo das palavras cria o mundo das coisas, Lacan coloca o homem como um ‘ser simbólico’, atravessado pela linguagem e a ela submetido. O inconsciente torna-se uma estrutura apreensível no ato mesmo da fala do sujeito” (REMOR, 2002, p. 33).

Um significante é uma imagem acústica, como uma palavra, o significado é um conceito. Nós usamos a palavra para dar sentidos e intenções. Mas, ao invés de supor essa transparência entre significante e significado, esse acesso fácil de uma palavra para o sentido é, na verdade, uma resistência. As palavras não revelam os seus sentidos tão simplesmente. Ao contrário, podem conduzir a outras palavras numa cadeia lingüística, da mesma forma um sentido pode conduzir a outros. Existe uma diferença entre o que você quer dizer e o que as suas palavras dizem. Um gesto também pode ser um significante, um gesto pode gerar sentido, mas nunca saberemos o que ele significa. O sujeito pode ficar completamente à mercê de imagem imaginárias que vêm de outros registros do simbólico e servem para dar uma base ao sujeito. “A minha relação comigo mesmo é construída de fora, eu aprendo quem eu sou do que os outros me dizem.” (LEADER; GROVES, 1996, p. 43)

O que o desejo lembra é uma falta, melhor dizer um vazio. O desejo não deseja objetos, ele deseja através do outro, pelo outro. A relação do desejo não é objetual, é da ordem da humanidade simbólica. Por estar em relação com o outro, o desejo busca o reconhecimento, sempre. O pretenso encontro amoroso nem sempre tem um resultado esperado no meio de tantos significantes, uma vez que a realização de desejos está numa mão dupla com o desejo do outro.

O que se quer, enfim, é desejar o desejo, já que não se pode ter o objeto de desejo. O desejo é desejo de desejo (LACAN, 1964). Segundo ZIZEK (2001), “Núcleo do ser do sujeito lacaniano, a característica principal do desejo é não ter objeto naturalmente dado. Ele é a manifestação de um vazio, de uma pura negatividade que quer consumir os objetos nomeados pela linguagem, passar por eles, mas que não se satisfaz com nenhum”.

Do ponto de vista do imaginário, o desejo, na sua primeira fase de constituição, é a própria vontade de destruição do outro. “É o desejo de destruição

do outro que suporta o desejo do sujeito.” (GARCIA-ROZA, 2000a, p.146)

As subjetividades, em suas relações sexualizadas, nem sempre conseguem ultrapassar o que existe de mais infantil no homem, a destruição, para o que existe de mais libidinoso, o que o desejo deseja, seja lá por que motivos, ser desejado. “O desejo função central em toda experiência humana, é desejo de nada que possa ser nomeado”. (LACAN, 1985, p.281)

Sendo assim, então o objeto de uma pulsão suscetível de preencher esta condição não poderia ser o objeto da necessidade. O único objeto que poderia responder a essa propriedade só pode ser o objeto do desejo, esse objeto que Lacan designará como objeto a, objeto do desejo e ao mesmo tempo objeto causa do desejo, objeto perdido. Assim, o objeto a, enquanto eternamente faltante, inscreve a presença de um vazio que qualquer objeto poderá ocupar. (DOR, 1989, p. 143)

“O desejo aspira, desperta, encontra-se com a pulsão e o que a pulsão pretende é a satisfação. A necessidade implica satisfação; o desejo jamais é satisfeito, ele pode realizar-se em objetos, mas não se satisfaz com esses objetos”. (GARCIA-ROZA, 2000a, p.144)

Enquanto as pulsões pedem satisfação, o desejo pede realização. O desejo na confrontação com o outro ser, falta. O desejo é da ordem do ser à falta. Por outro lado: “..., graças a Deus, o sujeito está no mundo do símbolo, ou seja, num mundo de outros que falam. E é por isso que o seu desejo é suscetível de mediação de reconhecimento”. (LACAN, 1986, p. 229)

O desejo não é algo que apareça como um intruso no aparelho psíquico(ψ), ele é a mola que faz o sujeito mover-se através da linguagem que é fundamentalmente simbólica. “O momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem” (LACAN, 1986, p. 232). A ordem não é simples, um não vem primeiro que o outro, o aparelho psíquico se funde na linguagem. “Não há anterioridade do aparelho em relação à memória e à linguagem, isto é, não há primeiro um e depois a memória e a linguagem; é na medida em que se constitui uma memória, que se opera uma diferenciação na trama de neurônios...” (GARCIA-ROZA, 2000b, p. 155).

Se o desejo está na origem do discurso freudiano, a noção de inconsciente talvez seja a que mais sintetize as descobertas de Freud. O inconsciente não é desprovido de sentido, algo de profundo, caótico, ilógico e nem, tampouco,

ameaçador. O inconsciente, mais do que outras características, têm um caráter simbólico. “O inconsciente não é o mais profundo, nem o mais instintivo, nem o mais tumultuado, nem menos lógico, mas uma outra estrutura, diferente da consciência, mas igualmente inteligível” (GARCIA-ROZA, 2000a, p. 173).

O inconsciente está nos fenômenos lacunares da consciência, melhor dizendo, nos espaços, nos intervalos, e é pelo discurso que pode ser interpretado. O inconsciente é concebido como um “lugar psíquico”, não como sendo corporificado, um espaço anatomicamente cerebral. O inconsciente é dinâmico, descritivo e sistemático. Ele se diferencia dos sistemas consciente e pré-consciente, possuindo características próprias. FREUD (1914-1916) comenta: “O núcleo do inconsciente consiste em representantes pulsionais que procuram descarregar sua catexia, isto é, consiste em impulsos carregados de desejo.”.

O que mais se pode dizer do desejo, seu caráter indestrutível, que não se cumpre, não se contenta? Ele, o desejo, é incansável, ambicioso, insatisfeito. Aquilo que não se tem. A falta do sujeito não é somente de satisfação, de concretização ou de encontro com a realização do desejo. O sujeito se falta, sua existência falta e, aí, reside toda a nostalgia de suas aventuras. Como a ordem do desejo é do ser à falta, esse algo que falta, falta no âmago. A infelicidade do sujeito resulta de sua própria castração. “Em última instância, aquilo que o desejo confina, não mais em suas formas desenvolvidas, mascaradas, porém em sua forma pura e simples, é a dor de existir” (LACAN, 1999, p. 350).

A dor de existir que LACAN (1999) refere-se, provém do desencontro do sujeito com ele mesmo, e dizer isso, é dizer que ele está ligado inevitavelmente a um outro e que não domina seu desejar. Esse sujeito de desejo, que vê sua dor atrelada a um outro, quando percebe, através da linguagem, a perda, a limitação, ou a diferença do desejo emaranhado do outro, perde-se também em seu próprio desejo. O que ele percebe é que outro quer coisas que ele não quer. Diante do outro, sua castração simbólica deflagra-se, não somente isso, “observa-se” numa cadeia infinita de significantes, alcançando o sentido de existência que lhe falta. Um sentido que é, muitas vezes, vivenciado como angústia, desespero, solidão, aflição, todos os sentimentos de condição do sujeito desejante de um outro.

Então a castração, o lugar do corte com o objeto, esse encontro lastimado com a castração simbólica, onde o sujeito perde o que falar e o que possuir, dá

passagem e permanência ao desejo, pois só o sujeito que é simbolicamente castrado pode ter desejo. O desejo nunca é castrado, o sujeito que o é, o sujeito é que é dividido e perdido em seu destino. A castração produz a falta necessária para a iniciação do desejo, o desejo que é desejo de desejo de algo sempre inesperado. A castração mostra que ele não vai possuir o outro, vai repetir e repetir, o desejo, o vazio e a procura interminável do falo, único objeto de desejo lastimado como falta. (LACAN, 1999). "... É num lugar onde se manifesta a castração do Outro, onde é o desejo do Outro que é marcado pela barra significante, aqui, é essencialmente por intermédio disso que, tanto no homem quanto na mulher, introduz-se esse algo específico que funciona como complexo de castração". (LACAN, 1999, p. 361)

O sujeito castrado, sujeito clivado, barrado, que não quer assumir a condição de dependente de um outro, pode, em algum momento, querer matar àquele a quem está subjugado. Mesmo que esta morte não seja concreta, a morte simbólica aparece como alternativa de destruição daquele que o aliena. Mas, se essa escolha traz mais desencontros, o sujeito compreende que já não pode matar quem se alicia, pois destruiria o objeto de desejo a que está vinculado. A grande fantasia do sujeito de desejo é de cessar a cadeia de significantes, de encontrar um lugar que poderia estar apenas feliz, radiante, certo, situado, compreendido, satisfeito. Esse sujeito que pretende ter um falo, de ser portador do desejo no outro, depara-se com limitações, com sua sujeição ao outro, com a rendição ao desejo de um outro.

O falo, como representante do desejo, de um lado, ocupa o lugar que encontra-se "oco", por outro, aquilo que preenche o espaço e torna o sujeito "completo". O falo cumpre funções importantes na estruturação psíquica do sujeito, como, mais propriamente, diria LACAN (1999, p. 358): "ele ocupa um certo lugar na economia do desenvolvimento do sujeito e é o suporte indispensável da construção subjetiva e pivô do complexo de castração."

Pode o falo ser a insígnia que corresponde à pulsão? Pode ser o representante do desejo, confundir-se com o pênis e estar muito próximo ao conceito de pulsão freudiano? O falo representa o poder, a força criadora, o próprio desejo de atividade e do ato de prazer. Ao mesmo tempo e paradoxalmente, pode representar simbolicamente o lugar da flagelação, da castração, dos cortes e do medo. O medo da castração não é o medo do perder o órgão sexual em si, cumpre, portanto, função simbólica. Segundo DOR (1989), a noção da falta do pênis vai

suscitar, no imaginário, a "promoção do objeto fálico". A castração acontece simbolicamente, a privação, por sua vez no nível real e a frustração pertence ao lugar do imaginário.

O menino e a menina vivem a castração de formas diferenciadas, algo os assemelha, a castração é encontrada no Outro. A menina só acredita que algo pode ser castrado, ser barrado, se constata a castração no Outro, na mãe. Percebendo que a mãe é castrada, que é um ser que deseja algo que não seja ela, percebe na falta da mãe a sua própria falta.

LACAN (1986) mostra que Freud quase sempre apresenta o desenvolvimento edipíco em termos de que eles são muito imaginários, sem nenhuma possibilidade de chegar numa formulação simbólica, no significado cultural de Édipo.

Eu quero é dizer que Freud tentou apresentar o Édipo como um drama entre o indivíduo e o outro indivíduo, baseado apenas em encontros contingentes, com ameaças de castração e outras mais, para explicar como uma criança exclui a mãe e a irmã como opções viáveis de acasalamento. Apresentando o imaginário, Freud não é capaz de dar conta da diversidade social da proibição do incesto. Já que não se pode apresentar uma solução universal na base de eventos contingentes, a proibição do incesto é universal, é exatamente nessa proibição que parece ser uma tentativa de Freud tentar querer encontrar o próprio objeto. (BRYANT, L., 2002)

A mulher que é o próprio representante do desejo (falo) para o homem, por sua vez, vai à busca do falo no homem. Não se encontrando com o objeto de desejo, já que ninguém pode encontrá-lo, o vazio interior aparece. A mulher nesse momento se interioriza. O homem, já castrado, necessitando encontrar o falo, que simbolicamente não tem, vai procurá-lo na mulher, não o encontra e vai procurar em outras fontes, exterioriza seu desejo para fora da relação. Citando LACAN (1999, p. 364): "Na mulher, o pênis simbólico acha-se no interior, por assim dizer, do campo de seu desejo, ao passo que, no homem, ele está no exterior. Isso lhes explica que os homens sempre tenham tendências centrífugas na relação monogâmica".

Das-ding (a mãe simbólica) está no centro do mundo subjetivo do sujeito. Esse mundo subjetivo é definido pelo fato de o significante, no homem, estar instalado no nível do inconsciente, que ajusta seus pontos de referência com a ajuda da orientação, que está funcionando como um organismo natural num ser humano, que dá para ele a possibilidade de ter um *das-ding* instalado na vida inconsciente. A conclusão de que o *Das-ding* está no centro apenas reforça a idéia que ele está excluído, na verdade, *Das-ding* tem que ser colocado como exterior, como pré-

histórico, o outro que é impossível de esquecer, um outro cuja primacidade de posição Freud diz que está na forma de *enfrendez*, ou seja, alguma coisa estranha a mim, apesar de estar no meu próprio coração, alguma coisa que está no meu inconsciente e que uma representação pode representar.

A criança nasce e coloca-se no lugar de falo para a mãe, o pai entra com seu suposto falo e frustra a mãe que perde o falo (a criança). É, pois, no discurso da mãe que a castração se faz significativa, no discurso de que é o pai que representa a autoridade. Todos no vazio do medo de perder aquilo que não têm. Todos atrás na procura de ter o falo, o procuram, frustram-se e se inserem na cultura. O desejo é recriado, o indivíduo desejante é neuroticamente socializado.

A criança é que se toma como falus, não é a mãe que toma a criança como falus dela, isso significa dizer que é da criança que surge o interesse de ser o único objeto do desejo da mãe. Falus é igual a objeto de desejo. Freud já mostrou que falus não é o pênis, claro, seria um absurdo para uma criança pensar que ele seria o pênis de sua mãe, como o que uma criança pode saber o significado de pênis, ou o significado simbólico do pênis ? (BRYANT, L. 2002).

Acho ingênuo acreditar que o uso de falos é incidental. É claro que os argumentos de Freud estão baseados na idéia de que a sexualidade está no centro do inconsciente e, portanto, da neurose. Seu componente biológico não deve ser subestimado (id, pulsão, instintivo). Como diz Freud, até um certo ponto, a biologia é o destino. Freud usa o termo sexualidade com um significado amplo, incluindo o amor (*lieben-amar*). O amor adulto heterossexual entre homem e mulher não é inibido. Relações sexuais entre pais e filhos são inibidas. Quais as implicações dessa hipótese? O pênis, o falus e a vagina são objetos de atração, ou de desejo. O amor, que já tem o seu objetivo inibido, remove estes como objetos de desejo. Bons pais não procuram ter relações sexuais com seus filhos. A introdução teórica do termo inibição de objetivo foi especificamente desenhada, para mostrar como o relacionamento entre pais e filhos possuem elementos libidinais.

O bebê se toma como o único objeto de desejo de sua mãe, ou a única razão por que ela existe. Quando a criança percebe que a sua mãe pode não estar presente, ou que possa estar desejando algo que não seja ela, ou quando percebe a possibilidade de perder o desejo da mãe, a ansiedade já é iniciada. O *eu*, então, é produzido como uma tentativa de lidar com essa ansiedade, introjetando o objeto de

amor “perdido”. Surge o *eu* como uma tentativa de acalmar essa ansiedade, já por introjeção do objeto de amor. Então, o *eu* é um produto dessa perda, dessa separação inicial.

LACAN (1999) nos diz que o homem em relação ao amor : "... dar o que não se tem -, é dar aquilo que ele não tem, o falo, a um ser que não o é." (p. 364). Quem não entende a lógica da psicanálise costuma ler o falo sempre como um pênis, daí aberrações acerca da leitura. Importante ressaltar, também, que é nesse vazio angustiante da castração que o sujeito torna-se construtor de novos conhecimentos.

2.2 PULSÃO

Antes de introduzirmos o conceito de sublimação, conceito fundamental para entendermos as questões do desejo do trabalho do psicólogo, convém ressaltarmos o que se entende por “pulsão” dentro da teoria Freudiana, visto que este último conceito mantém estreita correlação com a sublimação. Sendo que o objetivo deste trabalho não é de forma alguma esgotar o entendimento sobre esses conceitos, dar-se-á apenas algumas direções sobre a compreensão numa leitura psicanalítica.

A teoria da pulsão é um construto estruturado por Freud, para dar inteligibilidade a conceitos formulados a partir de fatos empíricos que têm, em seu alicerce, lugares teóricos. A psicanálise preocupa-se ostensivamente com seu método hermenêutico, método interpretativo, de uma “realidade” que se construiu principalmente da observação clínica.

Segundo LAPLANCHE e PONTALIS (1992), o termo pulsão vem do alemão *Trieb* que conserva na sua origem uma nuance de impulsão (*treiben ou trieben* = impedir), tendo um caráter de pressão mais do que de fixidez da meta e do objeto. O termo se confunde, em muitas traduções, com o conceito de instinto (*instinkt*), sendo este compreendido como um comportamento animal fixado por hereditariedade. A principal diferença é que o instinto teria um objeto definido, enquanto a pulsão não teria esse caráter. Essa confusão não é um mero imprevisto, a fonte pulsional está também, teoricamente, subjugada ao corpo.

A pulsão não pode ser localizada fisicamente no cérebro, ou em algum lugar específico do corpo. Sua fonte é o corpo, porém ela não está determinada organicamente num órgão específico que lhe objective, ela não é concreta no sentido

bruto da palavra. Tal qual o conceito do amor e do ódio, a pulsão parece colocar-se como uma partícula do humano, quase um “átomo psicossomático” da existência entre o físico e o psíquico. Como nos fala GARCIA-ROZA (2000a): “Esses conceitos não descrevem o real, eles produzem o real; ou, se quisermos, eles permitem uma descrição do real segundo um tipo de articulação que não pode ser retirado desse próprio real enquanto dado. São, portanto, autênticas ficções científicas”. (p.115)

É sobre a descrição de sexualidade que se esboça a noção de pulsão. Freud ataca a noção vulgar do entendimento de que a pulsão teria uma meta e um objeto definido, localizados nas excitações e no funcionamento do aparelho genital. Mostra, pelo contrário, como o objeto é variável, contingente e escolhido em função das vicissitudes, ou seja, dos caminhos da pulsão.

Como o conceito de pulsão foi nomeado por Freud e ao longo dos anos nem sempre foi bem compreendido, passemos pois as palavras ao autor:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico.” (FREUD, 1901-1905a)

Freud desqualifica a pulsão como algo meramente biológico, tal qual o instinto. Nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud mostra como a pulsão se apóia no instinto para desviar-se dele. A pulsão é uma perversão do instinto, perversão no sentido de a sexualidade humana ser aberrante, não buscar a procriação, e sim a satisfação, pois o objeto desta é fantasioso e nunca alcançado, como no caso da profissionalização. A pulsão é, por assim dizer, o que existe de mais humano no sujeito quando o corpo se torna também psique, um corpo que tem acesso à subjetividade. Freud sempre tomou muito cuidado quando falou, na sua discussão, sobre pulsões, que estas não deveriam ser reduzidas à impulsos biológicos.

BRYANT, P. (2002) comenta também sobre a questão das instancias psíquicas: “para que o eu seja um conceito psicanalítico legítimo, ele não pode ser reduzido a um lugar corporal, como o hipotálamo, evidente que ele depende da região da estrutura cerebral, mas o hipotálamo não é o eu.”

Sendo a pulsão inatingível à apropriação de leis mensuráveis, não pode ser tocada e, muito menos, posta em um tubo de ensaio, talvez só possamos falar dela por metáforas, pois, em si, a pulsão é inapreensível.

Pulsão, um conceito-limite entre o psíquico e o somático, está ligada, segundo Freud, à noção de “representante”, entendido como uma espécie de delegação enviada pelo somático ao psiquismo. Para DANTAS JUNIOR (2000, p. 244), a pulsão é um processo dinâmico: “Embora sua origem seja corporal, tal como os instintos, o destino das pulsões será sempre psíquico”. A pulsão inclui, então, a própria representação de excitações somáticas.

Assim é encarada a pulsão, uma incógnita que se impulsiona à representação, que se revela a todo instante, ao mesmo tempo em que caminha para objetos podendo mudar de direção, um “átomo psicossomático inconsciente” que precisa intelectualizar-se e se dar significado, que se reinventa e que, muitas vezes, repete-se em objetos.

Pulsões não apresentam uma lógica precisa ao caminhar, muitas vezes entram em contradições umas com as outras. Podendo ser recalcada, gerar sintoma, transformando-se em contrários, voltando-se para o próprio eu, ou sublimando-se.

Uma pulsão nunca se dá como tal, nem em nível consciente, nem em nível inconsciente. Dessa forma, só pode apresentar-se através de um representante psíquico: ideativo ou o afeto, ambos representantes psíquicos da pulsão. Esse termo, representação, foi utilizado por Freud para designar os elementos ou processos em que a pulsão encontra sua expressão psíquica.

A teoria popular sobre a pulsão sexual tem seu mais belo equivalente na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades — homem e mulher — que aspiram a unir-se de novo no amor. Por isso causa grande surpresa tomar conhecimento de que há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual. (FREUD, 1901-1905b)

A pulsão tem apenas um objetivo: a satisfação, sendo esta entendida como a redução da tensão provocada pela pressão (*drang*). “A rigor, uma pulsão não pode ser nem destruída nem inibida: uma vez tendo surgida, ela tende de forma coerciva para a satisfação.” (GARCIA-ROZA, 2000a, p.126)

Como visto antes, a satisfação da pulsão é fantasiosa, e sendo fantasiosa a pulsão nunca se satisfaz. Parece contraditório, explico melhor, a pulsão não possui

objeto definido, não o encontra.

As grandes oposições, masculino e feminino, passividade e atividade, masoquismo e sadismo, parecem sempre permear a lógica Freudiana. Segundo LAPLANCHE e PONTALIS (1992), "... Freud, longe de postular, por trás de cada tipo de atividade, uma força biológica correspondente, faz entrar o conjunto das manifestações pulsionais numa grande oposição fundamental, tirada, aliás, da tradição mítica; oposição da Fome e do Amor, e depois, do Amor e da Discórdia." (p. 396)

FREUD (1920) constantemente deparava-se com dificuldades teóricas e reformulava suas afirmações. Se, num primeiro momento, o enfoque sobre a pulsão foi a oposição pulsões sexuais/pulsões de autoconservação, propõe, no ano de 1920, em *Além do princípio de prazer*, que além das pulsões de vida estariam as pulsões de morte. Um novo olhar, uma pulsão que tende ao prazer e outra que tende a destruição. A pulsão de vida e de morte tornam-se respectivamente "bandida e mocinha".

Mais do que diferenças, o importante é identificar o que existe de conciliador nesta "história" de pulsão. O que Freud nos ensina é que a pulsão de morte está a serviço da pulsão de vida e, entre elas, é possível um namoro. Talvez, apenas um namoro. Uma conciliação seria exagero, seria enganar a vida de que a morte inexistente. FREUD (1933), numa carta em resposta a Einstein sobre as dúvidas do último em relação a guerra, fala-nos: "Nada mais poderia unir os homens de forma tão completa e firme, ainda que entre eles não houvesse vínculos emocionais. No entanto, com toda a probabilidade, isso é uma expectativa utópica."

As pulsões de vida seriam todas aquelas pulsões que buscam a satisfação, enquanto as pulsões de morte dão os limites para que as primeiras, na sua ânsia de satisfação, não se percam e destruam-se por supostos objetos. Um exemplo simples de que a pulsão de morte auxilia a pulsão de vida seria quando um sujeito começa a praticar algum tipo de esporte. A pulsão de vida o leva a praticar com interesse os exercícios, a pulsão de morte o faz parar de tempos em tempos para que o corpo possa se restabelecer.

Com a repetição, a pulsão pode tornar seu caminhar doloridamente neurótico. Por não haver uma meta específica, nesse caminhar complexo, busca incansavelmente a satisfação. Livrando-se da repressão de contratextos, pode

tornar-se mais livre, talvez até sublimando aquilo que só poderia ter como fonte, o libidinal. Uma pulsão nunca perde seu caráter de ser, ou ter sido sexual. “A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-las, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de as estarmos vendo claramente”. (FREUD, 1932-1936)

O objetivo de uma pulsão é a satisfação, não é o objeto, ele vem por consequência, é contingente. Objeto de uma pulsão pode ser qualquer um, qualquer coisa, e é através da satisfação que a pulsão pode atingir seu objetivo. Pode ser a coisa mais variável e não estar originalmente conectado a ele, mas se torna conectado em consequência de estar especialmente capacitado a fornecer satisfação. O objeto não precisa, necessariamente, ter um objeto definido, pode ser algo estranho, uma parte do corpo, e pode ser mudado inúmeras vezes no interesse da satisfação da pulsão. Uma parte altamente importante é a do deslocamento da pulsão. O certo é que Freud disse que o objeto é muito variável e que nem sempre o objeto vai estar originalmente conectado. Esse objeto pode estar conectado à pulsão, pode ser o pênis e ou a vagina. Você não pode explicar todas as maneiras da perversão entre os humanos sem separar o sujeito do objeto ou da pulsão.

2.3 SUBLIMAÇÃO

A escolha da sublimação como conceito, no mínimo provável, fez-se a partir da necessidade de fundamentar como o psicólogo discursa com seu significado de desejo de profissionalização e processa esse mesmo desejo. Queremos apresentar o conceito de sublimação, de modo que possamos visualizar a maneira pela qual o psicólogo, no sentido mais geral, com seus destinos pulsionais, pode, teoricamente, representar o seu desejo e, assim, conceder a possibilidade de estar sublimando, conforme, primeiramente, Freud nos demonstrou, de um desvio libidinal para a acomodação do sujeito na estrutura social.

Permitindo-nos essa escolha, obtivemos, aqui, a prova de sua fecundidade. Falar de sublimação, dentro do pensamento psicanalítico, não é uma tarefa fácil. O próprio Freud parece ter ambicionado a tarefa de terminar, deixar pronto, concluir o entendimento do conceito. Mas o que se vê são poucos escritos deixados pelo

teórico e muitas dúvidas a respeito, principalmente, o esclarecimento do processo em que passa a pulsão ao alcançar um consentimento social. De qualquer forma, mesmo não tendo exaurido as possibilidades esclarecedoras do fenômeno, Freud direcionou o esforço teórico dos que lhe sucederam, para uma noção mais refinada e rica da sublimação e de sua influência na prática psicanalítica.

Esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação...".(FREUD, 1906-1908).

A história das doutrinas e as discussões mais recentes mostraram o valor da clínica, para se fazer sentir a legitimidade deste propósito, capital para a sustentação de nossa proposta. Colocamos, portanto, o nosso paradigma, com o cuidado de não nos entregarmos ao pensamento utilitário positivista que geram a má reputação das teorias assim desenvolvidas. Nada mais positivo do que o nosso problema. Qual o nosso problema? Acreditamos que faremos um grande esforço para poder realizar a tarefa de demonstrar, partindo da seqüência das entrevistas clínicas realizadas, a história viva da estrutura da sublimação e sua significação psicossocial.

A sublimação representa, aqui, em todo o seu alcance, a capacidade de permitir entender a forma pela qual a pulsão escapa em direção a um valor social manifesto, pelo atrelamento do sujeito ao seu universo cultural.

O conceito parece refletir a passagem de uma instância individual para uma social, não estamos querendo fazer contraditória essa separação. O sujeito de desejo, como nos fala Lacan, não pode ser visto como um ser deslocado de seu meio e também, não cabe ser visto como um sujeito completo, único e separado de seus outros.

O sujeito barrado, já é reflexo de sua cultura, ele é sujeito de desejo de um outro, porque seu discurso inconsciente é formado na relação com o outro. Então, o caminho da pulsão via sublimação nos faz refletir que o sujeito, mesmo perdido em seus desejos, tenha a possibilidade de sublimar aquilo que um outro deseja, e que o desejo de um outro se torne também o seu.

Esse processo sublimatório estaria entranhado, na cultura, como um caminho "natural" já estabelecido pela historicidade da sociedade, principalmente a ocidental, onde o nosso sujeito se depara com o processo sublimatório dos outros,

estabelecido nas regras sociais.

Ora, se o processo de sublimação é do sujeito barrado, castrado, ele está inconscientemente a serviço de um outro, o outro social. Sua ação é toda de procura por satisfação, não de acumulação material, “não objetar”, ou seja, a procura é pelo reconhecimento do humano. Nosso esforço não terá sido vão, se pudermos comprovar que o acúmulo de posses, ou outra matéria, seria apenas uma constatação manifesta de sua importância social.

Na sublimação, o sujeito está declaradamente no engajamento pelo outro, desejando que um outro deseje seu desejo, nomeado como de profissionalização. O sujeito precisa da palavra, necessita que o outro lhe dê garantias de sua contribuição, que está realmente fazendo algo que mostre sua “individualidade” como contribuidor, quaisquer que sejam as participações nomeadas pela superfície conceitual de seu grupo e que isso seja um aval claro do desejo do outro. Permanecer visto, incluído, apreciado e percebido no grupo, eis como entendemos uma das funções da sublimação, embora Freud tenha descrito como atividade de sublimação, principalmente as artísticas e intelectuais, diz-se que uma pulsão é sublimada desde que vise a um objeto socialmente valorizado.

Por certo, a sublimação, que é a atividade do ser comum, concretiza o ponto onde o sujeito, ao tentar sobreviver nesse meio, depara-se com as regras sociais. Com seu discurso, tenta o ajuste pulsional diante do portador dessas regras, por um lado, e de seus desejos escondidos e alienados, por outro. Esse sujeito que falsifica sua verdade, pela falta de consciência, e que se encontra com as palavras de trabalho do outro, logo percebe que o próprio trabalho lhe trás confirmações e cerceamentos grupais. Através da atuação sublimatória que o sujeito de desejo pode criar uma identidade imaginária profissional, o que lhe dará uma sensação de pertencer a um algo organizado, coerente. Logo, *après-coup* (conforme Lacan, no instante após) perceberá que a linguagem social estará, muitas vezes, em contradição com seu imaginário de atuação no trabalho.

Eis que a libido, que FREUD (1923-1925b) mesmo falou, sexual, que poderia buscar caminhos corporais quantitativos de progressão, alienada, direciona-se no caminho do objeto de trabalho, um objeto de desejo nunca alcançado, nunca pronto para aquisição. Esse objeto de desejo de desejo de trabalho, deseja um objeto perdido, que é também simbólico, que somente pela fala pode ser mediado de

reconhecimento. Esse sujeito de desejo castrado pelo outro de trabalho, que não se satisfaz em objetos, mas tem indestrutível desejo de satisfação, torna seu trabalho como objeto fálico. É, com seu suposto falo, que ele recria desejos e (se não tenta destruir-se em supostos objetos), pretende ser humano, que só poderia não saber o que faz, no que trabalha, como trabalha e para quê. Mas que, mesmo não sabendo como trabalha, satisfaz-se com os outros, independente de seu contato com os mesmos. Não é no encontro físico com o ser humano, no trabalho, que ocorre esse apelo de apego objetal, o encontro pode ser “efetivo” sem ser claro e concreto.

É pelo discurso da atividade do sujeito que demonstramos se o mesmo está sublimando ou não. O trabalho, em si, não garante o encontro com a sublimação. Então, um sujeito, mesmo fazendo um trabalho repetitivo, lembramos aqui Karl Marx, pode representá-lo, ou seja, dar um significado a este trabalho de maneira satisfatória, sem que precise com isso tomar caminhos pulsionais sintomatizantes. Diríamos que aquele que trabalha, nem sempre está sublimando, mas todo aquele que sublima está a serviço de si e, talvez, de outro.

O termo sublimação parece, ao longo da história, associado a transformações, há outros significados envoltos em mistério, até, o próprio “mistério científico” do avanço tecnológico. Ressalta-se que as origens do termo sublimação não estão somente no universo da psicanálise, a química mecanicista também a pronunciou. “Capacidade química de passar diretamente do estado sólido ao gasoso, a sublimação aparece como correlata da volatilização nas várias acepções designadas pelo termo volátil: que pode ser reduzido ao vapor, inconstante, volúvel; e, ainda, que pode voar. De qualquer forma, a capacidade do sólido de se desmanchar no ar, de passar do estado bruto do desejo à leveza do sublime” (GODOI, 1995, p.104).

Em relação, ainda, sobre a questão do objeto pulsional, talvez seja a sublimação uma das vicissitudes mais interessantes do ponto de vista econômico-social (É através dela que o mundo pensa se organizar). Agora, que tipo de pulsão é esta? Bom, ela vem do corpo, toma caminhos intelectuais (representação) e chega na consciência em forma de ação. Agora, que caminho é este?

Segundo FREUD (1926) a sublimação incide de preferência nas pulsões parciais, particularmente naquelas que não conseguem integrar-se na forma definitiva da genitalidade. Segundo FENICHEL (1981), o objeto da sublimação são

desejos pré-genitais e “Se estes, porém, tiverem sido reprimidos e se permanecerem no inconsciente, competindo com a primazia genital, não podem ser sublimados. A capacidade de orgasmo genital é que possibilita a sublimação dos desejos pré-genitais.” (p.132)

A capacidade do orgasmo genital possibilitar ou não a sublimação é um tema discutível. Alguns autores são enfáticos em suas colocações e vêem o orgasmo genital como necessidade primordial para que ocorra a sublimação, Wilhelm Reich é um deles. Para OLIVEIRA (1996, p. 941), esse processo “implica alguma aquisição do ego genital, para poder sublimar os impulsos pré-genitais”. Nesse mesmo texto, o último comenta que indivíduos perversos, ou seja, que possuem uma sexualidade atípica na obtenção de prazer, podem ser muito criativos e não lhes é impossível chegar à sublimação. Porém, insiste em enfatizar que o perverso necessita de certa genitalidade adulta para sua criação.

Compreendemos, portanto, que o processo da sublimação não está restrito às atividades intelectuais e artísticas, como Freud teria dito no começo de suas investigações, mas aplicando-se a um universo mais amplo de produções humanas, como “a possibilidade das pulsões sexuais e agressivas se dirigirem a metas afastadas de suas metas primeiras, trazendo uma boa solução para a economia psíquica do sujeito.” (PEREIRA, 2001)

DEJOURS (1997) comenta sobre a relação entre a descarga psíquica do trabalho e organização do trabalho e pronuncia que o trabalhador cumpre sua tarefa na vontade do outro, ele é forçado a agir conforme a vontade da organização do trabalho, por isso é destituído de seu corpo, domesticado, e o seu desejo está em contradição fundamental com a vontade do empregador. Dejours chega mais longe dizendo que a organização do trabalho determina, também, a divisão dos homens. Para ele, a carga psíquica aumenta quando a liberdade de organização diminui, e, se não houver arranjo possível entre esses dois fatores, temos os quadros de sofrimento.

O trabalho torna-se perigoso para o aparelho psíquico quando ele se opõe à sua livre atividade. O bem estar, em matéria de carga psíquica, não advém da ausência de funcionamento, mas pelo contrário, de um livre funcionamento, articulada dialeticamente com o conteúdo da tarefa, expresso, por sua vez, na própria tarefa e revigorado por ela. Em termos econômicos, o prazer do trabalho resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza, o que corresponde a uma diminuição da carga psíquica do trabalho. (DEJOURS, 1994, p. 24).

Não é o tipo de trabalho, ou de organização, que vai dirigir a pulsão de um sujeito para um satisfatório caminho sublimatório, mesmo porque esse caminho não consciente já está atrelado a uma estrutura psíquica dinâmica. O sujeito inconsciente, o sujeito do qual nos fala Freud, vai se dirigir ao trabalho e vai continuar nesse trabalho, sem saber porque o faz, ou não vai permanecer no ofício em função de estar envolto de significantes que vão sendo construídos nas relações sociais.

Alguns autores analisam o processo sublimatório somente como possibilidades de criação, de liberdade, de possibilidade de um trabalho livre de pressões externas, no qual o sujeito possa utilizar seu potencial, como tentativa de manutenção de sua saúde mental, como no exemplo a seguir: “(...) um movimento à simbolização aberta, à criação. É justamente a articulação singular ao real do sujeito, viabilizando a criação, que vem a diferenciar a sublimação de qualquer produção, de qualquer trabalho simplesmente repetitivo, sistemático, em série, automático, o único possível em grande parte das organizações.” (GODOI, 1995, p.106)

Construir-se um processo de idealização sobre a questão da sublimação, como detentora de um lugar de garantia de satisfação, é ignorar o seu caráter fundamental de plasticidade que a coloca vinculada tanto às pulsões de vida, como às pulsões de morte. A plasticidade da pulsão, ou seja, a troca de objetos, é uma característica fundamental que apresenta sua vulnerabilidade e sua variabilidade na escolha objetal. Sublimar, como ato de criação, pode implicar em processo de dor, desgaste, contradição e de luto.

2.4 A PRÁXIS DA PSICOLOGIA

Se vamos nos direcionar a falar do psicólogo, seria melhor nos atermos por uns instantes e definirmos, de quem estamos falando. Quem é o psicólogo? A noção dessa identidade profissional é bastante complexa. Eis porque antes de passarmos à exposição das teorias que se apressam a explicá-la, gostaríamos de precisar o valor metapsicológico no sentido geral. Uma designação profissional tão sobrecarregada pelas contribuições, tanto da observação científica, quanto das crenças comuns, e, ao mesmo tempo, podendo resultar das especulações da metafísica, ou da experiência acumulada dos povos, é bastante rica, mas presta-se

a todos os tipos de confusão.

A classificação no vestibular aparece como requisito obrigatório na colocação dos sujeitos no universo das ciências psicológicas. No Brasil, são poucos os privilegiados que conseguem ingressar numa universidade. A concorrência é grande. Nas capitais e nas grandes cidades, concentram-se os maiores índices de concorrentes por vaga. Questões econômicas e sociais estão envolvidas entre os que podem cursar uma universidade e os que não podem. Além de todas as dificuldades sociais, existe a angústia que envolve a definição da escolha profissional. Os meios de comunicação, a influência dos pais, da cultura, da economia, formam uma rede complexa onde o meio e o indivíduo se encontram. A escolha profissional relaciona-se com a cultura diretamente. Essa influência pode se dar tanto consciente como inconscientemente. Segundo MULLER (1988), uma das principais fontes do trabalho clínico em orientação vocacional provém da psicanálise.

Da psicanálise, derivam, em especial, os conceitos de instância psíquica "... e a idéia de um inconsciente atuante, dinâmico, que se expressa não só em sonhos, atos falhos, sintomas, mas também em todo um sistema de percepção do mundo e expressão pessoal, mediante a busca de objetivos a que colocam em jogo motivações e desejos profundos muitas vezes conscientemente desconhecidos." (MULLER, 1988, p.13)

O serviço de Orientação e Seleção Profissional, do Instituto de Educação (MINAS GERAIS, 1976), divulgou um trabalho que relata o funcionamento do Curso de Informação Profissional. Das várias etapas do curso, os seus objetivos explicitam os caminhos pelos quais o orientando vai sendo conduzido ao encontro da decisão esperada. Dentre os vários fins, estão: a identificação das características individuais e das profissões; avaliação das aptidões, interesses e traços de personalidade; e a identificação das possibilidades ocupacionais. Esses objetivos parecem chegar de uma compreensão na abordagem com adolescentes - maior clientela desses cursos do que outros trabalhos que valorizam somente informações.

Sobre a escolha profissional MULLER (1988) relata:

Escolher supõe reconhecer-se como diferente, separado (de seus pais, de seus familiares, de outras alternativas possíveis), com uma identidade que nunca está assegurada definitivamente, que sempre pode voltar a questionar-se. Aqui aparece a realidade da "não determinação" humana, a persistência do desejo como busca dos objetos sempre móveis e mutáveis, a inacabável possibilidade de novas aprendizagens. O ato de escolher, também está marcado por circunstâncias históricas e políticas. (p.137)

Parece simples concordar que a identidade do sujeito esteja sempre em transformação, e que o ato de escolher uma profissão envolva questões sociais, históricas e políticas. Agora, será que o sujeito que escolhe uma profissão consegue diferenciar-se, ou, como nos diz MULLER (1988), separar-se das idéias paternas e de outros convívios sociais estreitos? SILVA (1992) nos fala, também, da escolha na perspectiva de uma identidade singular e que a opção por uma profissão deveria ser autônoma e sem interferências do meio social:

À medida que cada pessoa constitui-se num padrão singular de potencialidades, que empresta e recebe da vida possibilidades únicas, pode, adiante disso, moldar-se a si mesma ou deixar que a moldem às circunstâncias externas. Essa escolha é realizada constantemente durante a vida e, em muitas ocasiões, o medo de enfrentar situações completamente novas e desconhecidas, a ignorância em relação ao que está implícito na escolha e a falta de confiança em suas próprias experiências vitais, levam a pessoa a abdicar de uma decisão autônoma consciente e da própria análise crítica das variáveis encontradas, para tomar como suas as decisões tomadas por outros" (p. 100).

Será mesmo possível uma escolha individualizada? Seria melhor falarmos do sujeito sujeitado pela cultura, alienado, dependente das idéias e de conceitos estruturados historicamente pela própria cultura. Não ficaria essa liberdade "limitada" aos convívios sociais? Já discorreremos sobre as teorias de Freud e Lacan, abordamos como o sujeito pode reconhecer-se como sujeitado, entendendo o processo de alienação como um não saber sobre si mesmo, e o quanto esse desconhecimento traduz-se em construção. Reforçamos, agora, que o sujeito só existe na cultura, desde o nascimento está envolto por símbolos e por significados. O discurso do humano com uma essência imutável e de uma personalidade genética perde o sentido com a entrada deste na cultura. O sujeito é constituído a partir do campo do outro, faz-se na cultura, seu nome, suas vestimentas, e seus desejos são escolhidos primeiramente pelo outro.

O homem e todo pensamento teórico e sistemático sobre ele tem origem na realidade social. No entanto, o resultado que temos nas ciências é uma idéia de homem como autônomo, como uma entidade, dotado de uma essência que o caracteriza como homem. A realidade social passa a ser pensada como o local onde essa essência se desenvolve, atualiza-se, desabrocha e realiza-se. Toda a determinação social do homem fica oculta sob essas idéias e conceitos, que se tornam representações ilusórias. (BOCK, 1997, p. 37)

A relação entre as diversas correntes psicológicas, a escolha profissional e a profissionalização não pode ser vista de forma separada. O sujeito sujeitado pela

cultura é guiado por variáveis complexas. A escolha dessa profissão pode estar relacionada com a figura que o psicólogo representa socialmente? Seria também relacionada com a ciência psicológica? Qual a relação entre o lugar do psicólogo e a escolha profissional? Não sendo estas questões o foco de atenção do estudo desta dissertação, vejamos algumas breves reflexões.

Com um pouco mais de cento e trinta anos de desenvolvimento oficial, a psicologia atua em inúmeros setores da sociedade. Sua abrangência é tão vasta que dependendo dos setores sociais, os psicólogos podem trabalhar com instrumentos, técnicas, filosofias e linhas teóricas completamente distintas. A própria complexidade das situações de trabalho exige conhecimentos tão específicos que a distância entre profissionais torna-se, em alguns momentos, inevitável. Vejamos dois casos bem distintos: Um psicólogo, que trabalha na periferia com meninos de rua, em contraposição a outro, que trabalha no setor de marketing em uma multinacional. Qual a diferença entre os dois? A princípio, todas. Olhando mais de perto, essa diferença vai depender da própria atuação e dos objetivos laborais em que esses profissionais estão envolvidos. Estar em uma dessas posições não corresponde e não denota comprometimento no nível da ética, da eficiência e da realização profissional. Porém, estando em campos dessemelhantes de atuação, suas compreensões filosóficas e afinidades teóricas podem divergir em grande escala. Vir a ser psicólogo... O que parece ser uma questão fácil, torna-se uma discussão de alto valor e conteúdo profissional. Não só uma reflexão complexa e obscura, como corresponde à resposta da própria função e atuação do psicólogo.

Entender o que é psicologia, sua finalidade, seu objeto de estudo, não é tarefa para apenas um plano teórico. A psicologia, em seus poucos anos de vida, desenvolveu uma diversidade de áreas de conhecimentos, embora poucos teóricos se sobressaíram. Inexiste um psicólogo maior, melhor, mais significativo, nem mesmo uma teoria que seja mais importante do que outra. Todos são considerados em maior ou menor grau. Poderíamos até dizer que todas se “suportam”, ainda que exista um símbolo para representá-la. Nesse meandro, convivem várias posições em vários sub aspectos da ciência.

As diferenças entre as teorias psicológicas vão de um extremo ao outro. Há os que concordam que a psicologia deveria ter como preocupação aspectos relacionados à transformação social, em que seriam consideradas questões

ideológicas e políticas. Outros apóiam a idéia de que o objeto de estudo deva focar os aspectos individuais, tais como: as emoções, as percepções, as questões corporais, o inconsciente, o comportamento. Sem contar que diferentes linhas de pensamento encontram-se e fundem-se. Enfim, há os que dirão que a psicologia é uma ciência, outros que é uma pseudociência e, ainda, aqueles que não considerarão nem uma coisa nem outra. “Existem várias psicologias, cada qual com seu desenvolvimento específico e discussões internas que merecem aprofundamentos, revisões e isolá-las ou unificá-las são tarefas que fragilizam a construção da ciência psicológica.” (CASTELO BRANCO, 1998, p. 31).

A psicologia tem várias definições a respeito de si própria. Suas teorias chocam-se, misturam-se. As vertentes são variadas, poderíamos supor várias explicações para o mesmo fenômeno. Quanto ao objeto de estudo da psicologia, os autores BOCK, FURTADO e TEIXEIRA (1995) comentam: “Se dermos a palavra a um psicólogo comportamentalista, ele dirá: ‘O Objeto de estudo da Psicologia é o comportamento humano’. Se a palavra for dada a um psicólogo psicanalista, ele dirá: ‘O objeto de estudo da Psicologia é o inconsciente’. Outros dirão que é a consciência, e outros, ainda, a personalidade.” (p. 21)

O conhecimento está além da rigidez de um pensamento único, está além de uma única leitura, está na diversidade que a própria psicologia construiu. Claro, os paradigmas, as teorias e as interpretações vão se aprimorando, algo novo pode ser representado, o próprio desejo de conhecer os sujeitos e as situações humanas é incansável, interminável e permanente.

O candidato a psicólogo desconhece a complexidade da área em que pretende atuar. Não sabe que existem psicologias. Ele geralmente imagina que, ao longo dos cinco anos, tornar-se-á um profissional pronto para a atuação. Mas o que geralmente acontece é que, numa formação generalista, o estudante sai confuso com a profissão e permanecerá assim por algum tempo. Existirão aqueles, porém, que não assumirão a falta, que lutarão para não mostrar seus vazios teóricos.

A mais recente pesquisa, orientada pelo Conselho Federal de Psicologia - CFP (2001) e publicada pela mesma instituição sob o título “Quem é o psicólogo brasileiro” - realizada pelo WHO (OMS, Instituto de Pesquisa de Opinião e Mercado) - mostra que 75,1% dos graduados em psicologia atuam profissionalmente. Dos que se evadiram, 24,9%, mudaram de profissão, e os que mudaram de área constituem-

se em 15,8%, aposentaram-se 7%, nunca exerceram a profissão 6,3%, estão temporariamente sem atuar 1,8%, estão sem atuar há pelo menos seis meses 2%, estão fazendo pós-graduação 2%. “A evasão da área de psicologia, revelada por 24,9% dos profissionais é justificada por motivos de natureza pessoal; por motivos decorrentes da situação econômica do país ou, ainda, pelo baixo reconhecimento da profissão perante a sociedade.” (CFP, 2001)

Em relação à mesma pesquisa, a principal área de atuação do psicólogo continua sendo a clínica (54,9%), seguida da psicologia da saúde (12,6%), da área organizacional (12,4%) e, por último, a pesquisa (6%). Quanto à condição do exercício profissional: são profissionais liberais 57%, assalariados 39,6% e empregadores 2,7%.

O psicólogo que recebe seu diploma após freqüentar, no mínimo, cinco anos de aulas na Universidade, enfrenta: dispersão no campo do saber psicológico; fragmentação do processo de trabalho social realizado nas instituições, além de falta de recursos materiais, ilusão de uma pseudo-autonomia do profissional liberal, almejada, pela maioria, no sonho do consultório particular; competição acirrada entre os próprios psicólogos, na corrida por emprego e posições nas instituições que demandam e que são escassas; demanda de uma função adaptativa, corretiva re-educadora que lhe exigirá clareza do seu papel como psicólogo.” (CASTELO BRANCO, 1998, p. 33)

Imagina-se o que é vir a ser psicólogo, acreditando-se saber, ou pelo menos entender, o suficiente para definir o ingresso na “roleta russa” do vestibular. O candidato imagina ter certas qualidades que o aproximam daquelas que definem o perfil do psicólogo. Pensam existir afinidades entre a psicologia e sua personalidade. Uma pesquisa feita por MAGALHÃES et al. (2001), traça um perfil do candidato a psicólogo:

Um(a) jovem com idade entre 17 a 22 anos, com ambições econômicas modestas ou moderadas, que percebe-se com desejo de compreender profundamente o ser humano a fim de poder ajudá-lo, enquanto psicólogo clínico, a vencer problemas sentimentais e existenciais através de habilidades de escuta, paciência, calma, observação, compreensão e interesse pelo outro. Ele(a) julga possuir estas habilidades, almeja aperfeiçoá-las na universidade, e espera constatar seu “poder de cura” através da observação clínica, da gratidão e do reconhecimento de seus pacientes. Este jovem não se percebe como influenciado pelo contexto familiar e julga ter feito uma opção autônoma. E por fim, não possui planos concretos para seu futuro profissional embora pense no mercado de trabalho como “esgotado.” (p. 21-22)

Há muitos estudos que apontam que o lugar idealizado pela maioria dos profissionais seja a prática clínica. FIGUEIREDO (1991) faz a seguinte observação:

“Hoje, quando se fala em psicólogo, o leigo logo pensa no psicólogo clínico, e quem se decide a estudar psicologia quase sempre é com a intenção de se tornar um clínico. Embora durante muitos anos esta especialização nem existisse legalmente, atualmente é a principal identidade do psicólogo aplicado.” (p. 62)

E, segundo MELO (1983, p. 76) “O psicólogo é acima de tudo, um profissional liberal, assim o dizem a legislação, seu curso universitário, seus professores. Esse é o conteúdo essencial das suas aspirações e, posteriormente, das suas realizações... Dessa perspectiva, todas as outras modalidades de aplicação da psicologia, que não a clínica – subentendendo-se clínica particular -, são extremamente desprestigiadas;...”.

A escolha de vir a “ser psicólogo” pode ser definitiva ou se renovar a cada dia. Talvez não se saiba o que esse tipo de profissionalização exija, as angústias que traz, e que estar nesse lugar é lidar, em alguma instância, com o sofrimento psíquico. Há indícios de que essa escolha profissional seja em função de uma certa idealização de papel do psicólogo, aquele que ajuda, que se doa, que lida com as questões humanas. E essa visão coincide com a representação social do psicólogo, daquele que trabalha com a alma humana, estereotipada ao modelo médico como aquele com poder de cura.

FREUD (1901-1905c) nos fala sobre o tratamento psíquico, que tem início na alma, que lida com as afecções, tanto físicas como psíquicas, e o meio pelo qual o tratamento incide:

Um desses meios é sobretudo a palavra, e as palavras são também a ferramenta essencial do tratamento anímico. O leigo por certo achará difícil compreender que as perturbações patológicas do corpo e da alma possam ser eliminadas através de “meras” palavras. Achará que lhe estão pedindo para acreditar em bruxarias. E não estará tão errado assim: as palavras de nossa fala cotidiana não passam de magia mais atenuada. Mas será preciso tomarmos um caminho indireto para tornar compreensível o modo como a ciência é empregada para restituir às palavras pelo menos parte de seu antigo poder mágico.

Dentro de uma visão psicanalítica, a cura pela palavra é a cura pelo pensar, pelo representar, tornando-se consciente pulsões inconscientes, ou seja, um quanto energético de desejo deve ser descarregado, tornando-se representável através da linguagem. A cura está mais perto da “realização” de desejos do que as pulsões que se aprisionam no sujeito carregado de sintomas.

Em psicologia clínica, a conversa não tem o mesmo valor de uma conversa

despretendida de intenções de cura. Com um amigo, um parente, a conversa pode ter diversas significações, mas, diferentes do significado terapêutico, podem servir de representações morais errôneas, onde o outro julga pelos seus olhos, com sua hermenêutica, no momento que se aproxima de sua história. Então, psicoterapia não é qualquer conversa. Por isso ter um preço alto, tanto financeiramente, quanto da própria disposição de submeter-se ao tratamento. Dessa reflexão, entende-se que o que o leigo entende por “cura pelo pensar” pode influenciar a escolha profissional, a profissionalização e a atuação do psicólogo na comunidade.

Disso, depreende-se que tal qual o objeto de estudo da psicologia, a palavra psicólogo gera uma diversidade de sentidos imprecisos e, às vezes, até contraditórios. A psicologia e o psicólogo são palavras que estão no discurso, tanto dos intelectuais quanto dos “leigos”. Essa constatação permite supor que o pensar, em relação à figura do psicólogo, seja um processo de imaginarização da ordem do simbólico, que poderia orientar nosso pensar a respeito de diferentes tipos profissionais. Há um processo de imaginarização na idéia que se constrói sobre a conversa do psicólogo clínico entre quatro paredes, assim como sobre a função do psicólogo na empresa, no esporte, na política, no direito, na escola, etc...

O desejo de vir a ser psicólogo é uma ilusão. Ilusão no sentido de que, tal qual a impossibilidade da definição da palavra psicólogo, esse desejo é desejo de algo incompleto, algo indefinido. O ser desejante reflete-se no *ideal do eu*, este faz parte do próprio *eu (ego)*, e o *eu* é o lugar do engano. Quanto ao *eu*, FREUD (1923-1925a) anuncia:

Formamos a idéia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade — isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. Desse ego, procedem também as repressões, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade.

O sujeito desejante de vir a ser psicólogo, na impossibilidade de representar essa figura, deseja o desejo do outro. (LACAN, 1964). “O desejo emerge numa confrontação com a imagem” (LACAN, 1986, p. 239). E esse estado de vir a ser psicólogo encobre uma falta de não se saber enquanto tal. O *eu* se engana em

pensar saber conscientemente o que representa “ser psicólogo”, não há essência, nem na profissão de psicólogo. ... perguntar para o próprio psicólogo o que é ser psicólogo é uma questão desconcertante...

2.5 ERGONOMIA E PSICOLOGIA DO TRABALHO

Quando se fala em ergonomia, aparentemente nos desviamos do centro de nossa preocupação, do esclarecimento de nosso paradigma inicial, ou seja, o significado que o sujeito psicólogo dá ao seu desejo de profissionalização. Haveríamos de dizer, ou nomear, que as demandas do sujeito estão também assinaladas no relato cotidiano de interesses do positivismo racionalista. E a apresentação desse conhecimento se fez dentro do pensamento consciente de grupos normatizantes ao redor do sujeito. Logo, de súbito, deparamo-nos com idéias e questões sobre máquinas, equipamentos e movimentos. A ergonomia proclama que não se preocupa só com estes temas, inquieta-se com tudo que se refere a questões e relações de trabalho.

Uma das premissas mais conhecidas da ergonomia é a adaptação do trabalho ao homem. Para a fundamentação teórica de sua existência, buscou conhecimentos em outras ciências racionais como a psicologia, a engenharia, a neurofisiologia, a arquitetura, a informática, o designer, a psicanálise, as ciências sociais, etc... Pretende-se especial, de características importantes, e proclama-se diferente de outras ciências, e, a isso justifica dizendo que o foco de sua análise está centrado nas situações concretas das relações do sujeito com o trabalho. Outras áreas de conhecimento já vinham examinando questões de trabalho e situações que envolvem o trabalhador. Pode-se citar Karl Marx, Adam Smith e, antes deles, os que deram a base para o desenvolvimento das ciências atuais, os filósofos.

O mais conhecido instrumento ergonômico ficou conhecido como “Análise Ergonômica do trabalho”. WISNER (1994) aponta recentes critérios que vem aprofundando e modificando a metodologia ergonômica: extensão da análise do trabalho (critérios demográficos, biológicos e antropológicos); metodologia da análise das atividades de trabalho; metodologia da elaboração das soluções; extensão e aprofundamento dos critérios de êxito de intervenção. O mesmo autor diz que existe uma multiplicidade de metodologias à disposição dos ergonomistas. É preciso,

entretanto, diz ele, escolher uma delas, conforme a natureza do problema proposto, dos prazos, dos recursos utilizáveis, da situação do prático industrial e da pesquisa ergonômica. "Talvez devamos aceitar que a ergonomia não seja uma ciência, e sim uma arte alimentada por métodos e conhecimentos originários da pesquisa científica..." (WISNER, 1994, p. 105).

A pesquisa ergonômica avalia várias possibilidades de erros tais como: a preocupação com o espaço físico (iluminação, acústica, temperatura, visibilidade, vibração, pressão, ruído, higiene e segurança do trabalho); as condições emocionais para a realização de tarefas (carga de trabalho, sofrimento psíquico, ambiente organizacional), as condições cognitivas (significação de mensagens, compreensibilidade, processamento de informações, complexidade de tarefas, das instruções e das ações de decisões envolvidas na tarefa); as condições operacionais (condições da tarefa, interações formais e informais, ritmos, pausas, supervisão); as condições espaciais/arquiteturais (iluminação, isolamento acústico, áreas de circulação, layout de instalação de trabalho, cores do ambiente); as condições comunicacionais (articulação e padronização de mensagens, microfones e telefonia); enfim, outras tantas possibilidades de categorias, como químico-ambientais, interfaciais, instrumentais, organizacionais, instrucionais e urbanas.

O objeto da ergonomia, seja qual for sua linha de atuação, ou as estratégias e os métodos que utiliza, é o homem no seu trabalho, realizando a sua tarefa cotidiana, executando as suas atividades do dia-a-dia. Esse trabalho real e concreto compreende o trabalhador, operador ou usuário no seu local de trabalho, num determinado ambiente físico e arquitetural, com seus chefes e supervisores, colegas de trabalho e companheiros de equipe, interações e comunicações formais e informais, num determinado quadro econômico-social, ideológico e político. (MORAIS, 2002).

WISNER (1994) discursa que a grande vantagem ergonômica em relação à demanda das indústrias é decorrente de conselhos objetivos, resultados demonstráveis, num espaço de tempo curto e sem grandes abalos na produção. "A razão desse sucesso se deve ao fato de que a ignorância do funcionamento do homem é tão profunda na maioria dos planejadores que algumas contribuições ergonômicas, mesmo modestas e desajeitadas, têm um efeito muito positivo". (p. 91)

Um pouco mais perto de nossa preocupação, DEJOURS (1987) tem feito relações interessantes entre psicanálise e ergonomia. O autor ressalta que a psicopatologia do trabalho está preocupada em divulgar aquilo que, no confronto do

homem com sua tarefa, põe em perigo sua vida mental, e afirma que o século XIX é marcado pela luta à sobrevivência. "As lutas operárias marcarão todo o século. As discussões governamentais serão intermináveis. Entre um projeto de lei e sua votação é preciso, muitas vezes, esperar vinte anos." (p. 17)

O período compreendido entre a Primeira Guerra Mundial, até 1968, marcou-se pela introdução do Taylorismo, que descreve uma modalidade de organização do trabalho que, ainda hoje, vem ganhando espaço. A grande vítima dessa época é o corpo, subjugado, desprotegido, um corpo doente. Nesse terreno, o sofrimento mental permanece praticamente não analisado. "Este silêncio é testemunha da dificuldade do movimento operário em levar, efetivamente, a discussão sobre o terreno que é particularmente complexo" (DEJOURS, 1987, p. 23).

Discorrendo sobre as "estratégias defensivas" dos trabalhadores, o mesmo autor coloca o subemprego e o não-trabalho como um dos fatores que gera, na população, um certo tipo de defesa que se instala sob o nome de ideologia defensiva. Se essas defesas não conseguem dar conta da sua função (não ver a doença, manter a miséria longe), se transformam em problemas individuais, tais como alcoolismo, loucura e atos de violência "anti-sociais". "... a vergonha instituída aqui como um sistema constitui verdadeira ideologia elaborada coletivamente, uma ideologia defensiva contra uma ansiedade precisa, a de estar doente ou mais exatamente, de estar num corpo incapacitado" (DEJOURS, 1987, p. 33).

Quanto aos efeitos do trabalho repetitivo sobre a atividade psíquica, Dejours comenta que é precisamente isso que deve ser estudado pela psicopatologia do trabalho, ou seja, o que acontece na vida psíquica do trabalhador desprovido de sua atividade intelectual pela organização científica do trabalho: "até indivíduos dotados de uma sólida estrutura psíquica podem ser vítimas de uma paralisia mental induzida pela organização do trabalho." (DEJOURS, 1987, p. 45)

Comenta, ainda, que, no discurso dos trabalhadores, descreve-se dois sintomas de sofrimento: a insatisfação e a ansiedade. Salienta que não há uma só pesquisa em que não apareça o tema "indignidade", vivenciado como vergonha de ser robotizado, de ser um apêndice da máquina. Esse assunto é complexo, pois nem sempre o sujeito dá significado ao seu trabalho e, quando o faz, é de maneira subjetiva. Para DEJOURS (1987) e DE BEM, DE BEM e OLIVEIRA (2001), quanto mais rígida é a organização do trabalho, maior é a divisão dele, e menor é o

conteúdo do seu significado.

Discursando sobre o paradoxal tema, "carga psíquica do trabalho", DEJOURS (1994) adverte que a causa de fadiga para alguns trabalhadores é fator equilibrante para outros. Em linhas bem gerais, se o trabalho permite a diminuição da carga psíquica, ele é equilibrante e, se opõe a essa diminuição, é fatigante. Segundo o autor, costuma-se dividir o tema, carga de trabalho, em aspectos físicos e mentais. Ele salienta que: "Por trás da noção de carga mental há uma mistura de fenômenos de ordem neurofisiológica e psicofisiológica: variáveis psicossensoriais, sensoriomotoras, perceptivas, cognitivas etc e fenômenos de ordem psicológica, psicossociológica, ou mesmo sociológica, tais como variáveis de comportamento, de caráter, psicopatológicas, motivacionais etc." (p. 22).

DEJOURS (1994) discursa sobre a quase impossibilidade de quantificar a carga psíquica e propõe um modelo denominado "abordagem econômica do funcionamento psíquico". Para tal tarefa, utiliza os princípios da economia psíquica freudiana. Parte da premissa de que a excitação, quando se acumula, dá origem a uma tensão, e de que o indivíduo, no trabalho, dispõe de três vias básicas de descarga dessa energia: via motora, psíquica e visceral. Assinala, também, três fatos que devem ser considerados: o organismo do trabalhador não é um motor, nele estão as excitações endógenas e exógenas; o trabalhador não chega no seu local de trabalho como uma máquina nova; o trabalhador dispõe de vias de descarga preferenciais e diferenciadas de acordo com sua estrutura psíquica. O mau emprego dessas aptidões constitui a carga psíquica do trabalho.

O mesmo autor pronuncia que não existe uma solução geral para diminuir a carga psíquica do trabalho, o que pode existir é uma flexibilização na organização do trabalho.

MONTMOLLIN (1986, p. 126) comenta que "(...) A ergonomia é uma disciplina, ao mesmo tempo, muito modesta e muito ambiciosa. Muito modesta porque ela age pouco sobre as grandes evoluções que transformaram em profundidade o mundo do trabalho. Mas muito ambiciosa, no entanto, porque pretende forjar instrumentos teóricos precisos que permitem modificar o trabalho"

WISNER (1994) apresenta a correlação entre organização do trabalho, carga mental e sofrimento psíquico, como fazendo parte de um todo cujos aspectos estariam relacionados. Diz ele que a Análise Ergonômica do Trabalho pode ser a

chave para a compreensão das fontes possíveis de sobrecarga cognitiva e de sofrimento psíquico. Compreende, também, que a organização do trabalho controla vários aspectos da vida do trabalhador, como o seu salário e sua estabilidade, e que esse controle é complexo e preciso.

Segundo WISNER (1994), há três aspectos inter-relacionados da carga de trabalho a serem analisados: os aspectos físicos, cognitivos e psíquicos. Estes são menos evidentes por serem definidos ao nível de conflitos conscientes e inconscientes. No estudo dos aspectos cognitivos, em que o ritmo da execução das tarefas exige rapidez, foram considerados as dificuldades perceptivas, o conteúdo da tarefa e as queixas de perturbações físicas. As dificuldades perceptivas aumentam o esforço mental e geram ansiedade na compreensão da atividade. O conteúdo cognitivo relaciona-se principalmente com a decisão a ser tomada. O autor verificou que, em relação à carga de trabalho, as queixas de perturbações físicas estão relacionadas às tarefas predominantemente mentais.

Todo indivíduo chega ao trabalho com seu capital genético, remontando o conjunto de sua história patológica antes do nascimento, à sua existência in utero, e com as marcas acumuladas das agressões físicas e mentais sofridas na vida. Ele também traz seu modo de vida, seus costumes pessoais e éticos, seu aprendizado. Tudo isso pesa no custo pessoal da situação de trabalho em que é colocado. (WISNER, 1994, p. 19).

Quanto ao conteúdo da tarefa, WISNER (1994) articula que o trabalho não cria a neurose, mas é a oportunidade de sua expressão. Fala que todos os estudos, desde 1952, quando Le Guillard "descobre" a importância das exigências cognitivas no trabalho das telefonistas, conduzem ao pensamento de que a síndrome neurótica aparece em todas as situações de trabalho que exigem grande esforço mental. Portanto, é freqüente a ansiedade do trabalhador gerada pela falta de reconhecimento no interior da própria tarefa, assim como é provável a associação dessa ansiedade à síndrome depressiva do trabalhador, quando em contato com o público de atitudes negativas. "Tratar de problemas de saúde mental desses trabalhadores num plano individual ou técnico é completamente ilusório, pois essas situações são produto de um aspecto da organização social" (WISNER, 1994, p. 19).

A psicologia do trabalho, enquanto disciplina do conhecimento, diferencia-se desta última, por concentrar seus esforços na observação do ser humano inserido no trabalho, pesquisando o comportamento das pessoas, tanto individual como coletivamente. Diferentemente da ergonomia, que tem as situações de trabalho

como objeto ergonômico, o estudo do trabalho passa a ser uma categoria fundamental para a psicologia de trabalho.

Seu destaque, enquanto disciplina do conhecimento da atividade e da conduta humanas, remete às tentativas de descrição e interpretação sobre a natureza do objeto de conhecimento – o ser humano -, presentes nos primórdios da nascente psicologia. A busca pela compreensão do ser humano, a partir de suas atividades realizadoras e transformadoras da realidade, colocará o trabalho como uma das suas principais categorias de análise daquilo que é propriamente humano: a capacidade de mudar as condições de sobrevivência, a partir da geração de novas necessidades. (FIALHO; CRUZ, 2000a).

Como os que nos têm acompanhado devem ter percebido, a psicanálise também é uma importante linha teórica utilizada pela ergonomia e vem prestando auxílio em inúmeras questões relativas ao trabalho humano. É dessa teoria que vem a noção de que certos comportamentos não são lógicos, não obedecem a regras coerentes e, em muitos casos, não podem ser previstos. A noção de um inconsciente dinâmico e de idéias com significações subjetivas traz, à tona, reflexões em que o ambiente possa ser interpretado, não como sistemas fixos, e sim como sistemas móveis, indeterminados. Essas Idéias, se, de um lado, causam certa insegurança, por outro lado, podem trazer benefícios para o trabalhador, uma vez que os ergonomistas podem assumir posições interpretativas singulares da não determinação humana, ou seja, assumirem que o homem não é uma máquina da própria tecnologia.

FIALHO e CRUZ (2000b) relatam que “Dentro desta perspectiva, conhecimentos operativos podem ser inconscientes, no sentido em que o operador é incapaz, em uma parte, de ter um acesso direto aos mesmos e, em outra de determinar em quais condições estes podem nos ajudar a tomar decisões”.

3. MATERIAL E MÉTODO

Para entender a opção metodológica deste trabalho, recorreu-se à literatura psicanalítica, que compreende o ser humano do ponto de vista da sua subjetividade e que pretende dar conta de conceitos como o inconsciente, a consciência e o desejo.

Autores vêm trabalhando sistematicamente para a definição de metodologia e sua função dentro da escrita acadêmica. Um deles, MINAYO (1994), define como sendo um meio para a prática da abordagem da realidade. A metodologia, entendida por esse prisma, ocuparia um ponto central dentro de cada teoria, enquanto um conjunto de técnicas necessitaria de instrumentos para apoiar os impasses teóricos e a prática, em que as soluções que se dão aos primeiros não deixam de influir na solução dos segundos.

Metodologia, teoria, prática, todos estes conceitos estão intimamente ligados. MINAYO (1994) relata: "...nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática." (p.17). A metodologia não pode ser vista como um instrumento a ser seguido, um manual a ser copiado, ou como um amontoado de técnicas desvinculadas da realidade. Todos esses conceitos estão interligados, unidos por um objetivo comum, o desenvolvimento de teorias já estabelecidas e as novas possibilidades de novos conhecimentos construírem a ciência de um modo geral.

A metodologia adotada aqui abordou o sujeito de desejo, seu processo de imaginarização no seu discurso de profissionalização. Como é essencialmente psicanalítica a fundamentação teórica desta dissertação, o método de tratamento com o campo empírico não poderia estar longe dessa teoria. A palavra do entrevistado tomou, nesse sentido, o mais valioso peso em que focamos nossos objetivos.

Pesquisar o valor da subjetividade, do desejo, do simbólico, das crenças, nem sempre é um trabalho fácil. O que é subjetivo não pode ser medido, quantificado, mas pode ser estruturado. Numa pesquisa qualitativa, os resultados não provem de "sim" e "não", "certo" e "errado", mais que isso estão as contradições, as diferenças, fatos que não inviabilizam o fazer científico. Um

caminho difícil, com “buracos”, onde as respostas não foram objetivas. Nesse campo, o determinismo inexistia, a liberdade de resposta dos entrevistados abriu muitas possibilidades de pensamentos e palavras significantes.

Utilizou-se o método de análise freudiana, sem intervenções analíticas, adaptando-se o método conforme a necessidade do estudo. As entrevistas foram realizadas por uma psicóloga. A análise freudiana utiliza a interpretação e dissolução das repressões de conteúdos inconscientes. Por influência desse método, buscou-se chegar ao inconsciente através de entrevistas com perguntas semi-estruturadas, onde o entrevistado teve liberdade para falar dentro do assunto específico. Após a fala do entrevistado e em cada resposta, o pesquisador voltou, ou aprofundou questões que pareciam pertinentes dentro do objetivo da pesquisa, até que se esgotou satisfatoriamente o assunto.

FREUD (1917-1919) realizou inúmeros trabalhos em que se utilizou de casos individuais para estabelecer e aprofundar conceitos psicanalíticos, temos como exemplos: a história de uma neurose infantil “O Homem dos Lobos”, e análise de uma fobia em um menino de cinco anos, “Pequeno Hans”.

A entrevista semi-estruturada objetivou delimitar a fala do entrevistado ao assunto abordado, ao mesmo tempo que possibilitou um espaço de liberdade onde foram feitas associações inesperadas ao conteúdo desejado.

Os participantes constituíram-se de três psicólogos atuantes que escolhemos, através de recursos próprios, julgando que fossem compatíveis com esse tipo de pesquisa. Esses sujeitos foram escolhidos aleatoriamente, preservando sua identidade, e disponibilizaram-se rapidamente para a entrevista, após o convite feito por telefone. A escolha da amostra foi de, com pelo menos cinco anos de formação acadêmica, profissionais autônomos e residentes na cidade de Florianópolis, Santa Catarina.

Foi elaborado previamente um estudo piloto, com entrevistas com dois sujeitos, com o objetivo de “encontrar” o desejo inconsciente através da linguagem. Essa etapa teve, como objetivo, o treino na busca desse inconsciente pela fala. Nesse momento avaliou-se a eficácia desse instrumento de análise. Foram desprezadas perguntas que não aprofundavam o foco de análise, e foi diminuído o tempo de entrevista de uma hora e meia para cinquenta minutos.

A análise das entrevistas foi feita transpondo aquilo que é da estrutura

psíquica de um sujeito, para mais de um sujeito. Como na noção de *eu* para a psicanálise, um *eu* dividido e partido, o texto teve a forma de vários sujeitos, sem que estes fossem especificados. Assim como um sujeito não forma uma unidade, um ser dividido, castrado, vários sujeitos especificados não formaram conseqüentemente esta unidade. Formaram, entretanto, um só discurso, onde o foco foi o objetivo da pesquisa: o desejo de vir a ser psicólogo em relação à condição de profissional.

Nesta discussão, analisamos pouco o discurso do psicólogo em relação ao que a moderna psicologia instituiu de leis atuais legítimas. Em relação à profissão, todos os seus códigos, suas legislações, estão devidamente estruturados e bem definidos, legitimados por conselhos legais que atuam com poder processual autêntico, em que regras de conduta profissional são deliberadas, analisadas e visam ser devidamente respeitadas.

Investigamos brevemente a postura profissional em relação ao movimento histórico da psicologia e outros aspectos, tais como: sua origem filosófica, política; a formação acadêmica; o objeto de investigação psicológica; os efeitos sócio-culturais desse específico trabalho; e as questões éticas envolvidas nesse processo laboral.

Nos preocupou rapidamente a práxis do psicólogo em si, suas formações, o que aprendeu em relação à psicologia, e, por conseqüência, a psicoterapia, ou sua opção por análise. Não esteve em discussão como aborda seus pacientes ou clientes, ou se trabalha em empresas, hospitais e inumeráveis possibilidades outras de trabalho. Realmente não nos motivou se teve um campo particular de atuação, se trabalhou com alguma linha teórica específica, se, financeiramente realizou-se. Não queremos aprofundar sobre suas teorias de aprendizagem, de psicanálise, de gestalt, ou do existencialismo. Pouco nos envolveu suas experiências com seus métodos, técnicas de trabalho, seu objeto de estudo e o quanto apreendeu na sua jornada profissional. Não nos suscitou a investigação do que o psicólogo acreditou compreender a respeito da psicologia, se utilizou filosofias não ocidentais, ou, técnicas alternativas.

Esteve pouco em questão, também, a discrepância entre a realidade de ser psicólogo e a figura idealizada sobre a figura do mesmo. A idéia de que o inexperiente acadêmico não alcança a compreensão do vir a ser psicólogo é completamente rechaçada nesta visão. Assim como é desprezada a diferença entre

o discurso do antes e o depois de formado, do ponto de vista de que o psicólogo formado é aquele que sabe sobre a “verdade” profissional legítima.

Ora, mas, se estamos continuamente falando no referencial teórico sobre escolha de profissão, pulsão e sublimação, falando ainda de desejo, poderíamos nos perguntar: analisou-se o que o entrevistado entende sobre sua escolha profissional? Também não foi bem esse o ponto que queríamos analisar.

A falta de contato com estas questões, por hora, não significou, absolutamente, que não fossem interessantes e importantes. Não analisá-las não significou, por outro lado, não tocá-las em algum momento desta discussão. Como podemos observar, já foram citados nesta dissertação alguns trabalhos referentes ao temas.

Esta pesquisa caracterizou-se por uma análise de multicasos, análise essa, qualitativa de caráter hermenêutico interpretativo a partir do conhecimento teórico-metodológico da psicanálise.

Nos interessou a busca, essa busca de pesquisar uma figura que pretende uma representação social. Não nos interessou também o estudo da representação social em si. A partir do que o entrevistado entendeu e falou sobre seu desejo, é o que começou a nos interessar. Moveu-nos a pretensão de investigar o significado do desejo de ser e vir a ser psicólogo como uma figura que tem um discurso da ordem do imaginário. Mais precisamente, investigamos alguns significados dados pelos psicólogos em seu desejo de virem a ser profissionais. Tentamos encontrar significado neste desejo de desejo, direcionado à profissão.

O desejo, que tentamos aprofundar e tratar aqui, referiu-se ao aparecimento de uma ordenação significante que o sujeito do inconsciente respondeu como verdade. Não só uma cadeia de significantes claros que foram se acumulando e dando origem a um discurso, como uma cadeira permeada por uma linguagem dinâmica, onde lapsos e contradições apareceram. Esse sujeito sujeitado que desejou vir a ser psicólogo, que não poderia desejar senão uma idealização projetiva que vê no outro, fez-nos interrogar sobre seu discurso do desejo que foi pressupostamente de outro desejo. Adiantamos, porém, que procuramos o desejo metapsicológico.

O desejo de ser psicólogo, entendido aqui, se remeteu-se às relações entre os homens. Falou-se de desejo de pretensões existenciais, um desejo que não se

acomodou numa visualização esculpida em concreto. Esse desejo bem que poderia ter tido uma identidade definida...Estamos tentando definir o foco do estudo, para visualizarmos somente o desejo ambicionado como objeto investigativo. Esse desejo cobiçado de entendimento sempre falou de outro desejo, também de desejo de outro humano. Um desejo que se direcionou e retornou no desejo do outro. Desejo de desejo. Todos esses conceitos de intrincadas intenções e especulações intelectuais. Esse pretendido entendimento do desejo de psicólogo, esperamos, remeteu-nos a sua origem e ao seu continuar “psicológico”.

Já teoricamente estabelecido por Freud-Lacan, aceitamos que o desejo é um estado de desejar, que, isto, relaciona-se a alguma coisa para tentar preencher um vazio humano, que esse mesmo desejo está sempre disposto a um encontro com algo que lhe satisfaça e que esta satisfação só pode ser buscada através da linguagem, que é por onde o desejo se manifesta. Esse desejo aparece e funda-se simbolicamente no humano, através do que vivencia com o outro. Por esse motivo, o inconsciente também pode ser visto como o discurso do outro.

No discurso do desejo, investigamos menos o encontro com o vir a ser psicólogo como um objeto concreto e esperançoso de análise teórica, e mais discutimos a configuração de como esse desejo de desejo, inapreensível e indestrutível, apresentou-se.

“O desejo é indestrutível porque jamais poderá ser plenamente satisfeito, e jamais poderá ser plenamente satisfeito porque não há um objeto específico que o satisfaça; sua satisfação será sempre parcial, o que implica o seu infundável retorno”. (GARCIA-ROZA, 2000, p. 176).

Quando o estudante está no curso de psicologia e ouve pela primeira vez idéias semelhantes, o que geralmente acontece é o surgimento de vários pensamentos e mecanismos de adaptação: negações, curiosidades, ansiedades, raivas, decepções; por ter escolhido um curso de difícil compreensão, no sentido de que não mostra objetos de estudo prontos, que não revela a psicologia como uma ciência objetiva, definida.

O desejo é um “inventivo” desejo, porque o sujeito que pensa saber o que é ser um psicólogo, não o sabe. Mesmo que se imagine o que seja ser psicólogo, não existe uma só resposta, no mundo das idéias, que justifique a compreensão objetivada, única e adequada da palavra. Da mesma forma, não se saberá sobre o

desejo de torna-se aquilo que não se consegue definir.

O desejo de vir a ser psicólogo tende a não se completar, não se encontrar com o objeto de desejo, falando exatamente do *real*, mesmo que se tenha alcançado o título acadêmico.

Somente o percurso pode dar idéia do que é tornar-se um profissional, e, mesmo com essa experiência, esse encontro pode não se dar definitiva e concretamente. O fato de receber um diploma, engajar um compromisso profissional, não justifica o encontro com esta realização.

Antes que se instale uma visão pessimista, uma decepção, uma insatisfação na declaração de tais idéias, é preciso verificar que é essa insatisfação, ponto central na condição humana, que nos mantém vivos, ativos, procurando novas informações sobre a formação do psicólogo. E isso é fundamental. Este desejo não tem fim, ele não se presentifica. É preciso que se fale que o desejo errante é a mola propulsora da vida, que é a condição dos sujeitos, que só conseguem desejar porque falam, porque tem uma linguagem. Se não houver desejo, o sujeito não tem mais o que conhecer ou buscar, aí, ele encontrar-se-ia com a morte simbólica, como o fim.

“Depois de Freud, toda a história da psicanálise se confunde com um retorno à concepção, não tradicional, mas acadêmica do *eu* como função psicológica de síntese. Ora, se o *eu* tem algum papel na psicologia humana, ele só pode ser concebido num plano transpsicológico, ou, como o diz Freud com todas as letras – pois Freud, apesar das dificuldades que teve com a formulação do eu, nunca perdeu as rédeas-, metapsicológico.” (LACAN, 1986)

4. DISCUSSÃO

Todo o conteúdo teórico, que abordamos desde o começo de nossa investigação, referentes as questões da profissionalização do psicólogo, do inconsciente estruturado como linguagem, da sublimação como um dos caminhos da pulsão, do desejo como desejo de desejo, do simbólico, só faz sentido para a análise do próprio discurso daqueles que desejam vir a ser psicólogos e dos profissionais já envolvidos nesse processo. Neste momento, passaremos a discutir a entrevista com os sujeitos, abordando de uma forma hermenêutica seu discurso.

Conforme relatamos na metodologia que procura esclarecer a forma de abordagem deste desejo profissional, as entrevistas dão indícios de que o psicólogo não sabe concretamente como desejou, pela primeira vez, ser um profissional da psicologia. Verificamos que ele apresenta diversas justificativas de que entende o porque escolheu ser psicólogo, que não parece duvidar de sua escolha, porém, não sabe dizer de onde vem esse desejo. No próprio discurso, aparecem as dúvidas de um discurso do desejo flutuante, inconsistente, com contradições, que transparecem um não saber, um “lapso” de memória.

Desconhecimento não é ignorância. O desconhecimento representa uma certa organização das afirmações e de negações, a que o sujeito está ligado. Ele não se poderia pois conceber sem um conhecimento correlativo. Se o sujeito pode desconhecer alguma coisa, com certeza que ele sabe em torno de quê esta função operou. Terá que se admitir que existe por trás do seu desconhecimento um certo conhecimento daquilo que há para desconhecer”. (LACAN, 1986, p. 224)

Na pergunta inicial, como veremos a seguir, o entrevistado relata, no primeiro pensamento significativo, que não sabe explicar esse desejo, e, antes disso, seu silêncio comprova a dificuldade de falar, falar de algo que não se pode falar, pelo menos com clareza, com absolutismos de chegada. Importa-nos perceber que esse desejo não preenche lugar específico, não responde a nada de concreto, um desejo que somente fala de desejo desconhecido.

Perguntado sobre sua atração pela psicologia, o entrevistado responde depois de uma grande pausa: “- *Eu não sei explicar isso, às vezes, eu acho que muito por uma necessidade pessoal*”. Outra pausa no discurso. “- *Uma das primeiras coisas que eu me organizei foi achar um terapeuta, até pela orientação da*

faculdade, fiz as duas coisas ao mesmo tempo, fiz terapia quase todo período da faculdade. Estava tudo muito junto, a necessidade pessoal com o fato de aprender os mecanismos, de entender o funcionamento com os outros”.

“O que é, pois este desconhecimento implicado por detrás da função do eu, que é essencialmente de conhecimento? É este o ponto por onde abordaremos a questão do mim. Reside aqui, talvez, a origem efetiva, concreta, da nossa experiência – nós somos levados a entregarmo-nos perante o que é analisável, a uma operação de mântica, por outras palavras, de tradução, que visa desvendar, para além da linguagem do sujeito, ambígua no plano do conhecimento, uma verdade”... (LACAN, 1986, p. 225)

O discurso do profissional, anteriormente citado, sugere que esse desejo parece se confundir ao seu processo terapêutico, também às influências surgidas durante o próprio curso. Ou como diria LACAN (1985, p. 287): “Que o sujeito chegue a reconhecer e nomear seu desejo, eis a ação eficaz da análise”. Poderíamos crer, dentro desta perspectiva, que o sujeito entrevistado, estando perdido em seus anseios, em nomear suas pretensões, teria procurado um profissional para ajudá-lo a constituir, significar e interpretar suas verdadeiras ambições. “Antes que o desejo aprenda a reconhecer-se - digamos agora a palavra - pelo símbolo, ele não é visto senão no outro.” (LACAN, 1986, p. 229)

Esse desejo de vir a ser psicólogo, então, configura-se para o informante, enquanto realização de um processo psicoterapêutico. E o que é um processo psicoterapêutico em relação à sua atração pela psicologia? Esta resposta do entrevistado não esclarece a forma desse desejo. Apenas indica que esse desejo pretende um saber sobre si mesmo, misturado, ainda, à vontade de conhecer o outro. Um desejo que pretende duas coisas ao mesmo tempo. Neste preciso ponto, fala-nos do desconhecimento de si e do desconhecimento do outro, de algo que precisa ser encontrado. Diz, ainda, à entrevistadora, que tinha consciência da necessidade de busca de tratamento psicoterápico e complementa:

“- Envolve muita coisa de vida pessoal, tem aquela coisa que a gente condena no estudante de psicologia, que é o fato de querer se conhecer, de conhecer suas coisas antagônicas. Tem o desejo de ajudar o outro. Antes da faculdade, eu sempre fui uma psicóloga amadora”.

O psicólogo diz, em outro momento, ter certeza que a família não tem nada haver com sua opção acadêmica, logo em seguida, concorda que seu primeiro contato tem haver com a mesma. Antecipando uma explicação da depressão de seu pai e sobre a desorganização familiar que havia passado quando criança, relata por fim: “- *Uma vez meu pai me perguntou se eu não queria fazer uma consulta, eu disse que estava me sentindo bem, eu não estava bem, mas também ele não me explicou o que era, eu fiquei sem saber, ficou por isso mesmo*”. Essa situação com um profissional que “*cuidava da dor dos outros*”, comenta o “*analisado*”, abriu uma possibilidade de entendimento do outro, não sabia de que forma isso acontecia na prática, sabia que isso existia. “- *O fato do pai ter me perguntado, pelo menos, se eu queria ser atendido, foi uma permissão para eu entrar nesse mundo, uma aprovação da família*”.

Neste ponto nos encontramos definitivamente com a célebre frase de LACAN (1964), “o desejo é desejo do desejo do outro”. O desejo, não deseja objetos, sua ordem é do ser ao ser, ele deseja o outro, pelo outro, para o outro, com o outro. Sempre desejo de desejo. E esse pensamento teórico, do desejo ser o desejo do desejo do outro, confirma-se quando, aparece no discurso da informante, a permissão da família, do pai especificamente, ou melhor, das palavras de permissão do pai para com o entrevistado. Essa descoberta, ainda que mal informada e “*inconformada*”, pronunciou um consentimento para o informante, para o cuidado com a dor do humano.

O entrevistado relata, com certa “*tristeza indiferente*”: “- *meu pai me perguntou se eu não queria fazer uma consulta*”, este, um significante importante, talvez o primeiro importante, enlaçando seu desejo enquanto profissional. Um caminho traçado, ou em voltas, de inúmeros outros significantes que desenrolam-se, tornando-o um profissional de psicologia.

“É o simbólico que fornece, às pulsões anárquicas, uma ordem, ordem esta que vai ter sua expressão psíquica na trama dos significantes; por sua vez, é a pulsão que confere, ao significante sua potência, o que lhe permite ‘fazer ato’, isto é, produzir efeitos”. (GARCIA-ROZA, 2000, p. 196).

Perguntado sobre com quem conversava sobre assuntos referentes à profissão, responde: “- *Teria que voltar ao tempo da juventude, na verdade, não era como hoje que você tem orientação vocacional e conversa com profissionais de*

cada área. Naquela época era uma coisa da cabeça, uma coisa fantasiosa, não lembro de ter conversado com alguém...". Em outro momento ressalta: "- Com os amigos! De uma forma mais clara, a relação com os amigos foi determinante, eu gostava de ser procurada, achei um lugar para mim". Seu relato é de que a escolha foi muito clara e fácil, não tinha outra opção. Relata que foi chegando perto da psicologia, sem saber do que se tratava, mas sabia que era o que queria. Ele gostava de passar essas informações para os amigos e sentia-se muito bem com isso (risadas do entrevistado). Logo após pronuncia: "- Sempre me colocava na posição de ouvinte, era o orelhão da turma. Notava a maneira diferente de como as pessoas resolviam suas situações ou conflitos, mas não tinha muita noção do porquê isso ocorria".

Como já havíamos dito em outra ocasião, a realização de desejos está numa mão dupla com o desejo do outro, não há desejo sem a participação do meio social, sem o espelho do outro, sem trocas de significantes, sem vazios que dizem algo, sem agradecimentos verbais, sem um sentido que permeia outro sentido.

Quando o entrevistado refere-se à uma opção inicialmente fantasiosa, o que nos quer informar? Que tomou uma decisão irracional, ou solitária, ou excepcional, ou excêntrica? Talvez, um não saber! O assunto produz um entendimento de uma alternativa da sua imaginação, sem a participação do meio social. Mas, quando expõe significantes "insabidos", mostra o quanto esse não saber conduziu-o à inúmeras experiências e o quanto esta existência é expressiva, visto ter escolhido e permanecido na opção que escolheu. Imagina-se que se considere, inclusive, um ser individualizado, e não, sujeitado às influências comunicacionais.

Em outro momento, o entrevistado mostra-se claramente (sujeitado ao inconsciente) sujeitado ao mundo das idéias em relação aos outros. Na passagem: "*- a relação com os amigos foi determinante*", e na continuidade de palavras significantes: "*- achei um lugar para mim*", encontramos uma pequena parcela da rede de significantes que vão encontrando significados e que mostram seu lugar num grupo. Essas falas representam igualmente, o encontro com o outro, a necessidade de que fosse procurado, poder-se-ia dizer, uma informação da profissão, simbólica.

A entrevistadora pergunta o que lhe atraiu para a psicologia, e o entrevistado responde, após falar da questão da ajuda ao outro: "*- Tem outra coisa, eu não*

aceitava a dor humana, o sofrimento da alma. Isso é uma armadilha, porque enquanto psicólogo você faz o contrário do que todo mundo faz. Você aprofunda essa dor, enquanto a maioria da população tenta esquecer isso, não dão espaço para vir a dor. Aqui no consultório é o espaço da dor, com o objetivo de ser aceita, entendida, elaborada, resignificada. Continuei com o mesmo objetivo de acabar com a dor humana. Sempre tive um sentimento genuíno de ajudar as pessoas, acredito muito no poder da solidariedade, acredito na cooperação humana.”

Nesse trecho da entrevista, é importante ressaltar que o entrevistado nos relata a questão contraditória do desejo, o desejo de ajudar o outro em sofrimento, de aprofundar o sofrimento dessa alma, de ver essa dor ressurgindo no outro, motivada pelo desejo contraditório e, por que não dizer, inconsciente de atingi-la, de estar com ela.

LACAN (2000) nos observa sobre a questão do desejo em sua teoria não estar vinculado ao pensamento histórico da doutrina hedonista (nessa doutrina a busca do prazer é o único possível objeto do desejo), ou seja, do desejo poder tomar múltiplos aspectos na sua tentativa de satisfação. Se o desejo, por outro lado, está vinculado a idéia de prazer, ou dor, não importa, importa que esse desejo constitua-se numa rede de significantes e significados infinitos, sempre novos significantes, sempre mediatizados pela linguagem.

Não está em questão qual é o sentido do trabalho do psicólogo, e sim o significado que o entrevistado dá a esse trabalho, um sentido que, na rede de significantes, aparece como termo “*armadilha*”. É como se, em última instância, falasse-nos que seu desejo caiu numa armadilha, uma armadilha, até então, desconhecida, poderíamos dizer, sempre desconhecida. E, mesmo sabendo das implicações de seu trabalho, diz que o objetivo continua o mesmo, acabar, destruir o sofrimento do outro (destruição do outro numa primeira fase do desejo?).

Logo em seguida de discorrer sobre a idéia de cooperação e da solidariedade humana, observemos, mais uma vez, a informação dos entraves que a família lhe impõe e construções que os outros fazem em sua vida, ele comenta: “ - *Uma parte disso tem haver com uma auto-imagem idealizada que foi construída pela minha educação, que eu deveria ser nobre, desprendida e altruísta. A cultura da minha família tem coisas muito negativas, agora, eles tem um sentido de comunidade muito forte. Eu construí uma auto imagem que era politicamente correta, onde eu esperava*

isso de mim, hoje, eu sei quem sou realmente, com minhas limitações, mais eu acho que na época (com 21 anos), eu já queria fazer psicologia, será que fui clara?”

Lembre-mo-nos de que estamos perguntando sobre a atração pela psicologia, uma atração que acaba com uma certeza de obscuridade, mas com a tentativa do entrevistado de deixar muito claro seu discurso. De qualquer forma, teoricamente em LACAN (2000), o que dá presença ao desejo é um objeto perdido, com a marca da falta do objeto, sendo que sua aparição articula-se com a apresentação de uma insuficiência, com a exposição de uma carência, de uma falha de finalização. Como articula também GARCIA-ROZA (2000a, p. 145), “O desejo é do desejo não é uma coisa concreta que se oferece ao sujeito, ele não é da ordem das coisas, mas da ordem do simbólico”.

Perguntado sobre o que mais lhe atrai na profissão de psicólogo, o entrevistado responde: “- *O contato genuíno, porque, nas outras profissões e no nosso cotidiano, estamos sempre desempenhando um papel, com muitas máscaras, e essa relação terapêutica é realmente o encontro com o ser humano se entregando para um encontro mais autêntico*”. Pergunto como é esse contato mais verdadeiro? “- *No consultório, a pessoa chega com um discurso formado do social, desempenhando um papel e, nessa nova relação, construímos uma relação aonde ela vai expondo o verdadeiro centro dela, os medos, a dor, os desejos mais escondidos. Então, esse é o contato verdadeiro, esse é o ser real, isso é o que ela é. O que ela vive no social é o que ela é somada às máscaras. O que me atrai é isso, eu me comunico, posso ter acesso a ela.*”

Só o conteúdo do discurso do profissional, em relação a quem é o “atendido”, daquele que aparece em seu consultório, como percebe as questões de seus pacientes, já nos bastaria para falarmos em inconsciente, em projeções, em desejo e fantasias. A princípio, porém, não estamos falando disso. Não estamos falando do que o profissional pensa sobre o outro, e sim, do seu prazer-desprazer (da sua atração) na profissão com o outro, de estar em situações de “medos, a dor nos desejos mais escondidos”.

Estamos tentando chegar perto do seu pretenso acesso ao desejo do outro. O profissional acredita que sua atração, através do trabalho, é de acesso ao outro (inclusive, os desejos mais profundos), esperando estar em contato com o que acredita ser a verdade escondida por trás de desempenhos de papéis. Fala,

também, que esse desejo é a mola propulsora, aquilo que o motiva. O que confirma a tese de que o desejo não só nasce através do outro, mas também desenvolve-se, igualmente, em relação ao desejo do outro.

Nessa situação específica de profissão, o desejo se revelaria (o termo revelação de desejo parece pouco expressivo, por não abarcar todas as oscilações desse desejo) mais facilmente por estar explicitamente vinculado ao outro? O informante, como bem vimos, articula palavras do tipo: contato, comunicação, acesso. Desejar esse contato é estar perto da satisfação do seu próprio desejo? Vir a ser psicólogo seria o auge do contato com o desejo e com o desejo do outro? Estariam os psicólogos mais perto dos seus desejos do que outros profissionais? Essas interrogações seriam pertinentes, se estivéssemos focados nas diferenças de encontro com desejos - e o desejo não tem muitos focos e pertinências, mas vale pensar que esse desejo de encontro com o outro, um encontro simbólico, não deve cair em afirmações errôneas e simplistas de mensurações de desejo, ou interpretações narcísicas de encontros objetivos. O desejo é sempre inapreensível para quem os tem. Então, falar de um encontro mais legítimo do psicólogo com o outro seria autenticar e idealizar seu desejo como algo supremo, perto do encontro absoluto com o desejo, o que bem estamos vendo. O desejo de psicólogo está sempre caminhando em sua “pontaria” com o próximo desejo.

”... Mesmo que se expresse sob a forma de desejo de objeto, esse objeto só é desejado porque é objeto de desejo de outro sujeito. O que o homem deseja, sempre, é o desejo do outro. Neste caso, o que vai ‘preencher’ o vazio do desejo não é um objeto, mas um outro vazio...” (GARCIA-ROZA, 2000b p.192)

Ficaria inconveniente repetir que seu desejo é desejo de algo mascarado? Algo sempre a ser desvendado? Mesmo porque, quando o profissional pensa sobre o “*contato genuíno*”, fala de ter acesso ao outro, o que também não resolve coisa qualquer em termos de definição. Esse sujeito está constantemente perdido, partido, em falta, algo sempre parece cindido, barrado. Só para complementar, o investigado arremata: “- *o que mobiliza é estar com as pessoas de um jeito diferente que, socialmente, é mais raro de estar*”. Digam-me, o que significa estar de um jeito que não seja de outro?

Quando perguntado do que acha de trabalhar como psicólogo, tem dificuldades de compreender a pergunta. Essas perguntas tentam sempre esgotar o

tema do desejo, ou, pelo menos, buscar informações extensas. Faz-me outras perguntas, e resolvo, sem intenções a priori, falar de seu trabalho atual. Neste instante, parece ter se esclarecido algo. Logo a baixo, veremos que o entrevistado retorna ao tempo da sua formação. O que terá acontecido nesse intervalo? “– *Ha! Depois da minha faculdade eu fiz formação, considero-me aprendiz, acho que esse trabalho é uma arte onde o psicoterapeuta cria, no momento necessário, uma vivência para a pessoa aprender a dar um passo a mais. Mas, a medita que vou me aprimorando nisso, eu me realizo. Claro, nem sempre você vê acontecer essa mágica, então, muitas vezes, é uma profissão solitária, por isso estou numa clínica com outros profissionais. Aqui, na hora da consulta, tenho que contar com os meus recursos, não posso pedir para a pessoa parar de chorar e consultar um livro. Tem momentos que, quando eu consigo ser uma psicóloga que tem haver comigo, que eu vejo resultados, que eu ajudei a pessoa, é muito gratificante. À medida que a gente vai trabalhando a gente vai sabendo que é um trabalho de conta gotas, é muito mais horas de transpiração do que de acontecer esse resultado, que a pessoa teve uma vivencia significativa. Às vezes, a gente fica patinando, tem a resistência do cliente, tem a nossa parte”. também de não conseguir achar o caminho com esse paciente, isso é um pouco frustrante. Com o tempo, você vai aceitando que é assim mesmo, aprendendo que é assim o processo, que a gente não tem que se angustiar com isso, o que a gente precisa ficar atenta é com o quanto está colaborando para essa pessoa não sair da resistência. No começo, ficava muito angustiada, hoje não, não tenho ansiedade de resolver a situação do paciente.”*

No início, mostrou uma certa confusão em “não compreender” a pergunta e parece ter despertado com o termo atualidade. Seria de se esperar que, se pretendêssemos observar dentro de uma ótica positivista, racional e coerente de idéias - embora não tenhamos este compromisso teórico-, este falasse justamente do trabalho presente. Iniciando seu discurso, justamente no passado, mostra-nos que vai permeando passado e presente, mostrando suas gratificações e frustrações num contínuo. No fenômeno do intervalo, entre o começo da fala e a execução da resposta, talvez, aqui (e não só aqui), esteja o desejo. Desejo de falar de algo que lhe seja caro, especial, daquilo que fez, daquilo que considera arte, mesmo que como aprendiz, de algo que vai ainda se aprendendo, de algo que resiste e de que precisa de cuidado. Até parece que estamos falando de amor. Não, falamos do

aspecto do desejo em termos de contentamento “- *eu vejo resultados, que eu ajudei a pessoa, é muito gratificante...*”, mas que com o tempo ressurgiu com certo descontentamento, em que o desejo oscila tentando “- *... que é um trabalho de conta gotas, é muito mais horas de transpiração do que de acontecer esse resultado,...*”.

Estar nesta posição significa falar de trajetória, de solidão, de contentamento, de desejo? Se é bem verdade que essa pergunta ocasionou lembranças, onde aparecem relatos de transpiração, de suas angústias, da aceitação das situações, de suas resistências “-*..., tem a resistência do cliente, tem a nossa parte também de não conseguir achar o caminho com esse paciente, isso é um pouco frustrante...*”, não perderemos a oportunidade de complementar que, o inconsciente reside nos fenômenos lacunares da consciência, nos espaços. Só pode ser “despido” pelo discurso, e que sendo assim, temos acesso a alguma forma de interpretação.

O que acha nosso entrevistado sobre seu trabalho como psicólogo? Trabalhar como psicólogo seria, tentando uma interpretação com atrevimento, diria, passar por um processo, chegando até mesmo num momento de não ter ansiedade com o outro “- *não tenho ansiedade de resolver a situação do paciente*”. A não-ansiedade parece ter sido conquistada, também, como um processo. Se é que essa situação possa ser encarada de uma forma determinante, estando a palavra “resolver” entrelaçada entre o psicólogo e o cliente.

Assinala em outro instante: “- *Tem momentos que, quando eu consigo ser uma psicóloga que tem haver comigo,...*”. Imediatamente isso nos conta que, em algumas ocasiões, alguém que não tem haver com ele, talvez uma “outra” pessoa, um outro, diferente, surge. Fala, também, sobre seus compromissos diante do outro, sentindo-se, em momentos, ‘falsa’: “- *Tudo que estou trabalhando com uma pessoa tenho que estar coerente com a minha vida, eu digo pro outro e eu não faço. Tento sempre essa coerência e faço isso comigo, fico sempre me olhando, como eu lido com isso. Esse tipo de pensamento vem do meu treinamento de estar olhando o outro e me olhando, coisa que acho muito saudável. Agora, fora do consultório, surge sempre essa questão que é angustiante, porque eu me acho falsa, tipo: ‘que belo discurso você tem’.*”. Justamente nesse momento, aparecem as manifestações de como o inconsciente revela-se, quando o sujeito pensa que sabe sobre o que fala e desconhece-se. O sujeito sujeitado, pelo inconsciente e pelo desejo, é um sujeito que se perde em pensamentos dúbios, “falsos”, que discursa uma coisa e faz outra,

que acena uma proposta que não acredita, que não se acredita como alienado ao outro.

Esse *eu*, de que nos fala Lacan, não pertence ao mundo das idéias lógicas, está perdido no seu desejo, está à procura do inesperado, está perseguindo a satisfação que só é mediada pela linguagem. Um sujeito, também, que só podemos ter acesso através dessa mesma linguagem, com seus furos (falta), com lapsos, fantasias, e com seus conteúdos lingüísticos, etc....

Então, falar de definições, de concretizações, de conceitos, de formas, de fins, parece um tanto estranho para quem pretende trabalhar com conceitos tão dinâmicos, se realmente é esta a palavra chave (dinâmicos), como os de Freud e Lacan. Agora, só falamos disso porque pretende-se chegar neste ponto: “reconhecer” que o desejo de vir a ser psicólogo não se define, talvez só com a morte e situações desesperadoras, onde errantes significantes parecem ter realmente um fim.

Falando em vida, é, pois, a ocorrência de tornar-se um psicólogo que nos interessa. Já vimos que o desejo é sempre em referência ao outro, que também não se contenta, talvez, esteja na hora de perguntar aos entrevistados, questões mais entusiasmantes. Até agora, fizemos uma primeira leitura pelas suas atrações, suas conversas de esclarecimento de profissão e pelos seus trabalhos. Tentando aprofundar o assunto, questionamo-lo sobre o que é ser psicólogo. Vejamos se as respostas agora possam fazer mais, ou menos, sentido.

E ele retorna com seus entendimentos. “- *Ser psicólogo, quando entra numa estereotipia, fica sendo um papel muito chato. Em certos momentos e situações, perco a espontaneidade para fazer um papel, isso é muito antigo, desde a adolescência isso ficou muito fixado de, através desse papel, relacionar-me com as pessoas, ser uma possibilidade de me relacionar, como já era na adolescência. Vejo que uso hoje esse papel. Nem sempre estou a fim de ouvir, dá vontade de cair fora, mas uso esse recurso para vincular as pessoas a mim.*”

O expressivo, nessa falação, são as palavras e expressões significativas na rede de significantes que vão e voltam, do tipo: estereotipia, papel muito chato, perco a espontaneidade, desde a adolescência, fixado, relacionar, ouvir, cair fora, para vincular. Se fizéssemos um jogo de palavras, que não seria o caso, poderíamos imaginar possíveis significados. Ser psicólogo para o entrevistado é, por outro lado,

após um grande intervalo de reflexão: - *Não sei, acho que tem haver com isso que estou te falando. Se fosse falar de uma maneira bem simplista seria ajudar o outro a se ajudar. Acho que o terapeuta não deve ter poder sobre o cliente, mas ter o poder sobre a realidade. O cliente vem porque está mal, está bloqueado, só vendo uma porta. Então, o terapeuta tem que mostrar que existem várias portas, o cliente vai fazer o que achar melhor. A gente tem que ser artista, entre o equilíbrio, dar suporte, apoio e acabar com suas fantasias, fazendo com que ele não fique no papel de vítima, se responsabilizando pela própria vida. E isso é uma arte, no sentido do equilíbrio entre dar suporte e puxar o tapete. Isso me causa um certo sofrimento, eu sei que é a hora de mostrar, de puxar o tapete e a pessoa resiste, e eu saio e fico pensando se era a hora, mas depois as pessoas me dão o feedback positivo. Não sei se estou respondendo. Acho que “a função”, também, é conciliatória, no sentido de lavar a roupa suja e resgatar a possibilidade de reconciliação com o outro, seja lá quem for.”*

Parece oportuno pontuar os aspectos da castração simbólica do entrevistado, que surgem através da palavra, num instante de reflexão contraditória, no intervalo: “- *Não sei se estou respondendo*” (o inconsciente também aparece). Esse não saber é perfeitamente compreensível e esperado. Ter dúvidas de responder ao desejo, de explicar o que é ser psicólogo, algo simbólico, é a própria dúvida do desejo. Seu discurso é legitimamente o destinado. Não nos surpreende, agora, o inefável, a resposta que não se completa e não se finaliza.

Subentende-se que o sujeito entrevistado só pode desejar falar aquilo que lhe falta falar, porque continua a falar, com certa veemência, tentando dar conta de chegar em algo que lhe pareça satisfatório, assim, sua fala também se articula em referência à entrevistadora. Porque foi somente através da pergunta que suscitamos o turbilhão do desejo.

Ainda sobre a questão de “o que é ser psicólogo?”, o entrevistado pronuncia: “- *Ser psicólogo é ser cada vez mais eu, tendo conhecimento de mim, trabalhando-me, buscando o auto-desenvolvimento.*” Quando pergunto se ser psicólogo tem haver com a personalidade do mesmo, ele conclui: “- *Acho que é isso mesmo.*” Todo discurso permeado de ambigüidades, talvez, percebendo a própria fala e comprometendo-se em parte com que acredita.

Houve uma falação anterior do entrevistado que não deveria passar em

'brancas nuvens'. Nesta fala, que recorro agora para vocês, ele dizia em relação a sua escolha profissional: *"- Não tinha outra opção"*. E, após essa frase, comenta que, lhe interessava a busca do entendimento do ser humano, ou seja, interessava-lhe o que ainda não sabia. Não tinha opção, talvez, de não entender o ser humano. Parecia fadado a esta profissão, como se não pudesse escolher outra coisa senão, um psicólogo. Diz que tinha clareza da escolha, mas todo discurso revela significantes que vão, com um tempo de escuta, revelando-se. Esclarece-nos LACAN (2000), que toda neuropsicose é uma defesa contra o desejo. Será que o próprio sujeito pode estar, nesse caso, especificamente defendendo-se através de um desejo?

Já que estamos chegando perto do psicólogo e de sua personalidade, tenhamos um pouco de paciência para absorvermos a resposta, particularmente interessante, de nosso entrevistado. Este questionamento a seguir é muito significativo, tendo visto que ser psicólogo para o entrevistado, tem haver com a idéia de sua personalidade. Essas idéias mostram o processo de imaginarização que o psicólogo faz de si mesmo. Pergunto-lhe: Que tipo de pessoa você se considera? *"- Que coisa mais abrangente. (Intervalo de fala). Basicamente uma pessoa que busca o desenvolvimento pessoal e que quer isso também para os outros. Acho que esse é meu sentido de vida, auto-desenvolvimento, ver as pessoas que estão ao meu lado num processo"*. O que é auto-desenvolvimento? Indago. *"- Auto-desenvolvimento seria flexibilizar o caráter, percebendo os condicionamentos. Tenho uma perfeição no meu núcleo, na minha base, busco cada vez mais o contato com essa perfeição."* O que é essa perfeição? *"- É a essência de uma pessoa, não é uma coisa individual, seria uma manifestação do que é o todo, um reflexo de que, se o todo fosse o sol, seríamos os raios de sol."* O todo seria... *"- Deus."* Tu és Deus? *"- Todos somos, só que a gente não está realizado no sentido de tornar isso real pela aculturação."* O que é Deus? *"- Porra, essa então!"*. *"- Deus é a única realidade que se manifesta de todas essas formas, inclusive nos condicionamentos."* Seria tudo, todos os comportamentos? *"-Tudo, um todo, o uno, que se manifesta em todos os raiozinhos, também é o sol. Ele está em todos os lugares, é perfeito, tudo é perfeito, tudo tem a sua função para essa perfeição do todo, tudo está certo e não existem erros."*

O imaginário do entrevistado está, então, entrelaçado à idéia de ser parte de

Deus. Desejo de acreditar-se, constantemente, na posição (imaginária-simbólica) de pretender-se onipresente, onipotente, onisciente. Uma vontade de perfeição ainda não atingida, um desejo, melhor dizendo, que tem dificuldade de falar do “perfeito”, de falar do que não entende, uma idéia que mistura palavras na cadeia significante. Mistura interessante, na medida que mostra, não a dificuldade de falar somente, mas a urgência de um “palavrão”, a urgência de algo forte, um saber do próprio não saber, mostra também as artimanhas do seu discurso.

O desejo parece ser mesmo rebelde a toda organização. Não olhemos como um mero jogo de palavras e pensamentos contraditório, mais que isso, o problema de interpretar o desejo de ser psicólogo passa pela tentativa de encontro com essa resposta que, no final, não pode ser dita. Mesmo assim, pensemos onde podemos chegar com esses questionamentos! Recorremos, agora, na tentativa de reconhecer a idéia imaginária de nosso entrevistado em sua subjetividade dominada pela linguagem, às suas idéias que desintegram seus ditos “espirituosos” em relação à sua profissão. O que nos faz pensar que a idéia de vir a ser psicólogo é concretamente um processo imaginário, e, por isso, o sujeito não coordena suas tendências, é tomado pelo verbo, pelo substantivo e pelo vazio.

Então, se o inconsciente é o discurso do outro, o que a entrevistadora fala no encontro com o entrevistado compõe linhas de pensamentos no outro, em que um discurso entrava-se no discurso desse outro, ressoando novos significantes nestas mesmas partes (entrevistado-entrevistadora), e isso não poderíamos esquecer. Podemos considerar o discurso do entrevistado em relação às observações não premeditadas desse outro que lhe aborda. Desse modo, caminhamos por lugares que atingem o saber e o não saber. Perde-se, nesse contexto a figura idealizada do indivíduo uno, corriqueiro, e separado do seu simbolismo social.

A impossibilidade da definição da palavra psicólogo é um fato, embora se trate de um conceito que passeia por bocas muito definidoras. A definição daquilo que não se consegue resolver, sem dúvida, a palavra psicólogo vira um fardo para quem obsessivamente procura uma única resposta. O que não pode ser descoberto nessa questão? Um enigma quase incoerente diante da permanência da questão teórica da sublimação, então, há encontro objetal?

O *eu* do psicólogo é que responde aos questionamentos da entrevistadora? Talvez, o relato do *eu* seja o mais visível no discurso, agora, não esqueçamos que o

eu é uma estrutura que pretende a coerência (o *eu* é enganador, acredita que é a possibilidade de vida racional), mas no seu afã de encontro com a lógica, perde-se na mesma. O entrevistado é mais do que o *eu*, e, em todo o discurso, percebemos as oscilações entre o *eu*, o *id* e o *supereu*, entre o inconsciente e o pré-consciente. Toda situação vivenciada pelo entrevistado nos faz acalmar estas questões repetitivas de “chegada” objetual, ele relata que somos descontentes em termos conceituais. Ele, seu discurso, é mais do que de tentativa de coerência, ele tende ao mais belo dos discursos, ele tenta responder, com a maior coerência possível, suas próprias interrogações, ou as minhas, ele tenta a inatingível “metodologia” de disponibilizar-se ao outro, ou a si mesmo.

Talvez, haja apenas, a satisfação de ser psicólogo, a satisfação sublimatória, um sempre vir a ser, nunca sendo aquilo que poderia ser encontrado, porque não tem objeto (sem encontro da experiência psíquica no real, no simbólico e no imaginário). Pela sublimação, nós interferimos no meio social. Talvez, haja o encontro com a satisfação momentânea das passagens de dias escuros de estudo, do encontro emotivo humano, da própria vida cotidiana das sensações, das emoções e dos pensamentos duvidosos.

Por outro lado, o entrevistado pode estar cansado de responder aos questionamentos, pode sentir-se ameaçado em seu saber, tentando esconder-se entre refúgios escuros de memória, em relatos de paixões violentas, de dores, ocasionais preocupação, até chegando às aventuras prazerosas de profissionalização. Pode não ser nada disso, como vamos saber do outro? Tudo que parecia simples, evidencia-se numa rede complexa inconsciente.

Não pensemos em dualidades, o inconsciente não é o contrário do consciente, eles estão entremeados um ao outro, assim como o prazer e a dor nos relatos de desejo profissional. Não, o psicólogo não é um utilitarista, ele não deseja o ganho no trabalho, ele deseja o que mesmo?

Deseja o que tem para desejar, o reconhecimento do outro, o outro, deseja os desejos de seus clientes e seus pares. Não tentemos sexualizar o que já está sexualizado, é um desejo que fala de questões pulsionais (*drives*), questões cortadas, partidas. Mas se remete a um corpo que pretende o pensamento e que “racionaliza” (esta palavra parece não existir mais). O entrevistado sente e volta a se perder em conversas longas (na entrevista) onde falsifica, iludi-se. E vivencia uma

desorganização que pretende sempre organizar, uma vivência de esforços, de amores, de gozo, de transferência, de pagamentos simbólicos.

O que vocês estão lendo? O que você busca? Que tipo de conhecimento te interessa agora? Como não posso ter acesso a sua linguagem, não posso te “configurar” o sentido desse desejo. E mesmo que pudéssemos conversar: o que te diria ? Seria a respeito das tuas perguntas?

O inconsciente tem idéias únicas para cada um de nós. E isso é incrivelmente absurdo para a consciência, o mais corriqueiro é catalogarmos, dar sentido à vida em um aspecto diretivo, que possa ser justificado, medido, com variáveis estáveis, de preferência num ambiente constantemente monitorado. Não precisaria mostrar a diferença entre um inconsciente de um pensador jurídico, de um pensador filósofo, de um botânico. Várias são as áreas do conhecimento humano científico, ou não científico, e suas complexas combinações.

Como dizer a alguém que não ouviu certo, que existem certos entraves da linguagem... isso me faz pensar... ouvimos bem quando o entrevistado relata no fim da fala, veja o que você entende por isso leitor: – “*despertar vida*”. Não pretendo mais a interpretação que não ressoe no teu arsenal incomum de palavras, das tuas denotações. Você estabeleceu tantos construtos que não posso atingi-lo, ou te atinjo? Você lê estas palavras por que está te cogitando o quê? Esse algo é só seu, só posso ter acesso a ti, se eu conseguir ter acesso ao teu `coração`.... Parece um discurso divino! Ninguém pode ter acesso a esse lugar, sem que haja um caminho, uma luz, ... e volta o percurso das palavras de entes divinos no discurso do psicólogo.

Quem poderia entender outrem, se não fosse pela palavra. E esse pôde ser o encontro mediado de satisfação, esse, o próprio discurso do desejo, um discurso estremecido de desejo de palavras de Deus, ou seria mais um desejo de desejo de outra coisa. Será só uma linguagem cultural da palavra de Deus? Por que usamos conceitos dessa cultura pensemos em outras.

O mesmo acontece com a fala do psicólogo, na medida que ele fala, ele se perde-se na linguagem, está visivelmente preso a ela. A prisão não é só de palavras, é de conceitos, de teorias e aprendizagens. É não é à toa a tendência que o humano possui de “ler” o corpo, as terapias corporais estão aí com seus referenciais teóricos. Quero dizer que o psicólogo pode aprender muito rapidamente os furos do mundo

subjetivo, as brechas e a grandeza do significado das palavras.

“- *Despertar a vida!*”. Talvez, no momento mais subjetivo, os últimos pensamentos significantes da entrevistada em relação ao seu desejo profissional seja : “*o meu desejo é despertar a vida que está dentro das pessoas.*” Talvez essas palavras me preocupem no sentido de sua “interpretação”. Vir a ser “psicólogo”, seria o próprio discurso do desejo, o desejo de falar e procurar sempre outros significados, afinal, quem saberia o que iríamos ouvir com mais dez horas de escuta? O significado importa, na medida que ele parece estruturar o lógica do inconsciente. Quero dizer que a lógica, para eu escrever, estruturou o mundo dessas idéias e, mesmo assim, perco-me sempre nessa lógica, no racionalismo, na estruturação. Como uma estrutura que não é lógica pode ter lógica? (dar sentido ao inconsciente – isso é muito importante). Se eu me perguntar o que todos os entrevistados tem em comum? Você entenderia o que desta resposta? Nada – tudo – volta – ajuda – perdeu – respondi ? - dar vida ao enterro – castrado – máscara – falta – falo - fiquei assim – falou – à entrevistadora - apesar da minha cara de nada.

Pensem nas andanças do desejo que encontram-se com o outro, o despertar da vida nos parece do próprio psicólogo.

Pergunto-lhe também: quem nunca teve um sonho e acordou com um insight, ou se espantou diante de algumas conclusões óbvias bem cedo ao acordar? Bom, aí está a linguagem que conceitualiza os sonhos. Bom, a linguagem dos sonhos também é inconsciente, mas, ao termos acesso ao sonho, o consciente e o inconsciente remetem palavras às imagens e estas palavras estruturam teu despertar. Não diga que você nunca contou um sonho para alguém, mas, ao contar, você transformou seu sonho. FREUD (1900-1901) já falou isso inúmeras vezes em *Interpretação dos Sonhos*.

Segundo LACAN (1999), se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, pois bem, é bem verdade também que, o inconsciente não é a própria linguagem. Mas o inconsciente usa a linguagem como expressão de desejo. Por que o psicólogo perde-se em sua linguagem? Perde-se nela, como qualquer um se perderia para falar de desejo. Ele, o psicólogo, parece não se contentar com a própria fala, por vezes, estende-se em assuntos que se desviam dele, qual seja o assunto, o mesmo pretendido de nossa investigação.

Como “configurar” a essência do desejo? Como fazê-lo experimentar na

minha frente, a notícia de seu desejo, como despilo, sem destruí-lo, como olhá-lo sem maldades, sem conceitos? Como fomentar essas palavras com expressões, dando a possibilidade de falar de desejo àquele que passa pela fantasia, por perguntas cheias de sentidos, e àquela escuta das palavras em suas bocas, o que conseguir com eles sem angústia? Como não submetê-lo à angústia, como dizê-lo: diga, quero ver tua prisão e no que acredita.

Mesmo sabendo que o foco é entendê-lo, não podemos deixar de observar o discurso da tentativa da ética, da geografia e o seu português coloquial. Discursos cheios de palavras "vulgares", como escrevê-las sem tirar seu brilhantismos, suas falhas de memória, daquilo que não lembra, voltando sempre no foco do desejo?

Eu reclamava inutilmente para que falasse só do desejo, e esse vinha com sua correnteza inútil de conter palavras que falam do outro.

Ver este psicólogo, o outro que o vê, vendo, presumindo uma repercussão estranha da palavra deste outro. Talvez o próprio estranhamento que, se vincula ao primeiro objeto de desejo, Das *ding*.

Quem é o sujeito psicólogo? Você leitor tem todo direito de reclamar desta pergunta estruturada. Na verdade, não pretendo saber quem ele é, pretendo somente, tentar identificar, se alguns pensamentos significantes em relação ao seu inconsciente (imaginário) fazem correlações com seu desejo de vir a ser psicólogo. Ele responde que sim. E nós?

Fiquemos com esse pensamento do entrevistado, após minha pergunta. Após eu dizer que sua fala parece não ter chegado na resposta do desejo, claramente, pergunto: O que você gosta no seu trabalho? “- *Estar com o outro e captar, no campo terapêutico o que a pessoa sente, qual é o sofrimento dela, para que a pessoa se dê conta*” Está claro a questão dos pacientes, agora, para ti, qual é o teu prazer (claro que o desejo está indissociado do Outro e da impossibilidade de desejar sem o desejo do outro)? “- *Eu me deparo com aquele momento, será que eu vou conseguir compreender esta pessoa, estar com ela? Será que ela vai se sentir compreendida nisso, aquela dificuldade, que a pessoa tem, bate em mim e é quando eu levo à supervisão que acelera o meu crescimento pessoal.*”

Então você gosta de ajudar e ser ajudada? “- *De repente, até ser ajudada está primeiro, agora, durante o atendimento, o meu prazer é estar com o outro num outro universo, sentir a mudança no espaço terapêutico. Estar com outro me realiza.*”

Você pode dar um exemplo? “- *Meu primeiro atendimento, eu senti que era a psicologia que eu queria. Naquele momento, eu estava tão inteira, a sensação é que podia estar 100% com a pessoa, que podia estourar uma guerra ao redor do consultório que eu estaria ali. A gente se transporta, não tenho outra referência de prazer como esta. Mesmo que o paciente esteja em sofrimento, não interessa se ele está em sofrimento ou não.*”

A linguagem, pensemos o que isso significa para o psicólogo em seu desejo profissional, e, talvez, uma das respostas que focaliza nossa atenção (a linguagem do desejo profissional). O psicólogo assinala sua entrevista, finalizando com a seguinte afirmação: “- *Será que te respondi? Acho que era isso que eu tinha para dizer, foi bom parar e pensar nisso tudo, às vezes a gente nem pára para aprofundar essa questão.*”

A linguagem é, pois, formada de palavras, não podemos ter acesso a essa linguagem sem provocá-la. É através da linguagem que o sujeito cogita a melhor forma de informar a sua “verdade” de desejo. Uma informação formada também da práxis de conhecimentos justificados pela cultura do próprio psicólogo.

O psicólogo, por vezes, não parece acreditar no que fala, (nem sempre o que parece o é). Ora, o psicólogo precisa se explicar, precisa articular o que ressoa nele, ele também está preso nesta mesma linguagem. Agora, só podemos ter acesso a essa fala inconsciente, se estamos na mesma linguagem, aí está a nossa primeira prisão, uma prisão de construtos e aprendizagens lingüísticas sociais, filosóficas. Quero expressar que o inconsciente expressa-se a toda hora, ele não é misterioso, ele é o cotidiano, são as palavras diárias que escutamos, as palavras de bom humor, as invenções e os risos que são precedido de sons. E, enfim, a palavra que tanto nos incomoda, fascina e que cria desejo. A palavra é o meio mais oportuno de satisfação entre os humanos, e a satisfação não é de encontro total com o objeto.

5. CONCLUSÕES

A identidade profissional, a que nos referimos nos momentos em que primeiro surge no psiquismo do indivíduo, é uma experiência psicológica ingênua, porque cada um de nós tende a reduzi-la a uma síntese que possa afirmar as nossas tendências, e, com isso, tomamos um caminho para a ação. Essa operação é complexa, se apresenta em primeiro lugar de um modo racional, do juízo, da afirmação de uma categoria, de uma realidade intencional que orienta o ser no sentido de determinar os atos futuros com compensações ou sacrifícios, renúncias ou exercícios de poder, na medida em que esses dois elementos de síntese e intencionalidade se aproximam um do outro. A identidade do psicólogo se converte em imaginações sobre nós mesmos, em ideais mais ou menos imprecisos que persistem por toda uma vida. Cria-se o fundamento de uma responsabilidade, uma responsabilidade pessoal surgida daquela que atribuímos ao outro. Essa noção de responsabilidade desempenha um papel primordial para determinar que já tínhamos reconhecido essa existência profissional no outro.

Essa identidade profissional, que surge misteriosa na noite da primeira idade, afirma-se na infância de acordo com um padrão de desejos que lhe é próprio e que, aqui, estudamos. Ela borbulha nos sonhos e nas esperanças desmedidas da adolescência, em sua fermentação intelectual, com uma necessidade de absorção total do mundo sob os modos do gozo, da dominação, da compreensão, e poderá resultar em uma aplicação dos talentos ao real, em uma adaptação eficaz ao objeto grupal, e pode até se concluir com um grau elevado de criação objetual e nos dons que estes possuem.

Quem é o psicólogo? Pergunta de complexa resposta e difícil constatação. Podemos tentar relatar e entender que tipo de trabalho realiza, como realiza, as teorias que adota, que tipo de linguagem utiliza, agora, defini-lo, dentro do referencial psicanalítico, seria impraticável. Essa impossibilidade refere-se a uma questão muito simples, todos psicólogos estão em posições muito particulares de entendimentos (e por que não dizer, de análise). O que se pensa saber sobre eles é uma questão imaginária. O real enquanto estrutura do sujeito, não existe, senão como uma tentativa de concretude de um discurso que mistura, a si mesmo,

questões simbólicas e imaginárias.

Sem definição, mesmo sabendo que ele existe, o psicólogo, com seus desejos iniciais, tomou como verdade a possibilidade de concretizar uma identidade profissional e, para tal tarefa, impulsionou-se em direção a esses assuntos. E, somente permanecendo com questionamentos referentes à sua profissão, seja qual for sua natureza, e com seu desejo de construir-se enquanto profissional, que pôde certificar-se de direitos que lhes conferiram, o direito de atuação.

Possivelmente nos encontraríamos com respostas singulares e nos espantaríamos com as diferentes possibilidades de respostas, se perguntássemos a qualquer psicólogo sua definição profissional. Respostas subjetivas apareceriam, o que não surpreenderia nenhum investigador do comportamento humano.

Mesmo diante da dificuldade da análise do desejo e do processo das respostas da cadeia de pensamentos significantes dos sujeitos, nos aventuramos a citar alguns pensamentos, informações e dados que permeiam o ambiente psicológico acadêmico e que podem contribuir para a reflexão do tema.

A intencionalidade do objeto social tem como requisito a “passagem” por uma universidade. É na instituição acadêmica que o sujeito inicia seu percurso, tendo contato intelectual com a ciência psicológica, seus métodos de investigação, conhecendo as diversas áreas que compõem o quadro de disciplinas. As expectativas e os motivos que levam a essa opção acadêmica são variados. Inúmeros trabalhos científicos foram feitos para estabelecer o perfil dos estudantes, suas representações sobre a psicologia e a atuação do psicólogo, bem como a diferença das suas opiniões nas diferentes etapas do curso. Esse assunto parece de suma importância no meio acadêmico, uma vez que os próprios educadores trabalham, direta ou indiretamente, com as expectativas dos acadêmicos sobre suas profissionalizações. As influências dessas expectativas podem alterar o emprego do conteúdo e a posterior aplicação do conhecimento científico.

Outras atividades, que não são consideradas psicologia se misturam-se às práticas psicológicas. Isso significa dizer que para o leigo é difícil a constatação do que é psicologia ou não. Atividades chamadas de terapias alternativas configuram uma prática comum da população em geral e são, muitas vezes, confundidas com teorias e práticas que se estabeleceram no círculo da ciência psicológica. Aqui, não estão em discussão os efeitos, as vantagens ou desvantagens dessas técnicas ou

teorias, simplesmente pretende-se assinalar que são práticas diferentes e não podem ser chamadas de psicologia. Para o estudante que opta pelo estudo da atuação psicológica, ressalta-se a possível confusão de práticas que podem influenciar, de alguma maneira, a escolha profissional, a profissionalização e seu campo de atuação futuro.

A idéia que se tem do lugar do psicólogo caminha por reflexões de inúmeras variáveis. Vai desde o discurso científico, como detentor de um saber sobre o humano até o lugar narcísico de um saber sobre-humano. Envolvido em mistérios, o psicólogo é significado, por alguns, como um ser sobre-natural, detentor de um conhecimento que vai além dos limites da interpretação e do observável.

Refletir sobre a posição do psicólogo e de seu trabalho está relacionado a fatores subjetivos construídos pelos sujeitos da cultura ao longo de suas histórias. Esses sujeitos serão influenciados pelo meio sócio-cultural, pela linguagem, vista sob a forma da estruturação do pensamento, e também, direta ou indiretamente, pelo próprio caminho histórico da humanidade. Culturalmente, o psicólogo está, como qualquer profissional, exposto a uma série de exigências, umas bem fundamentadas, outras infundadas, observações concretas ou vagas, e, dependendo das relações estabelecidas com esse profissional, estabelecer-se-ão relações que poderão gerar afetos, defesas, aversões ou simpatias. Não se pode dizer que todos terão as mesmas impressões e as mesmas idéias em relação a este profissional.

O campo da psicologia liga-se à vida comum, o senso comum. O senso comum intermedia o conhecimento científico. Não é difícil de encontrarmos pessoas que misturam palavras ou expressões de cunho científico na sua verbalização, do tipo: “isso é psicológico”, “Freud explica”, e, não somente, alguns conceitos e receituários são absorvidos pela comunidade e adquirem valor de autoridade, sendo assimilados como verdades. Disso, depreende-se que o leigo sabe sobre “psicologia”, ele tem suas próprias definições, e é no cruzamento entre o saber científico e o saber do senso comum que se dão alguns problemas que mistificam, estereotipam a figura do psicólogo e a ciência psicológica.

Vir a ser psicólogo pode configurar dois pontos importantes: o desejo de ser e o desejo de ter um psicólogo dentro de si. Os dois referem-se à falta e ao preenchimento da falta do sujeito. O desejo de ser envolve questões relacionadas

ao outro, ser psicólogo para o outro, refere-se à atuação, ao desempenho, as questões éticas, técnicas... O desejo de ter um psicólogo dentro de si refere-se à identificação projetiva que o sujeito faz da pessoa do psicólogo, o que ele vê como exemplos, o que deseja ou rejeita. O candidato a psicólogo pode fantasiar que pela formação acadêmica, tornar-se-á alguém que entenderá suas relações interpessoais, que saberá interpretar seus problemas, terá informações preciosas sobre como lidar com assuntos relacionados a sua realidade ou a sua fantasia. Não é difícil de o aluno ouvir, na academia, que terá de fazer psicoterapia se quiser conhecer-se, e que o papel da formação acadêmica não é o tratamento psíquico.

Concluir o significado, dar interpretações do que vimos no desejo do psicólogo entrevistado, do seu desejo profissional, e, em sua linguagem do desejo, discorrer sobre o entendimento desse desejo de desejo de vir a ser psicólogo é uma tarefa sugestiva e que tenta harmonizar o “mito” de que possa existir uma resposta efetiva conclusiva sobre estas questões.

Quando veio realmente a “correnteza” de palavras de desejo, surgindo do psicólogo, não entendia, como entrevistadora, em que lugar nosso entrevistado queria chegar. Parece que acreditamos (entrevistado-entrevistadora), sem muita interferência-consciência, que, à priori, aquilo que conversávamos tratava-se da “realidade”. Isso é muito importante, tínhamos dado como “natural” o nosso discurso.

Quando o entrevistado nos falou do desejo de desejo relacionado a ser psicólogo, veio continuamente a questão do outro. Veio o início do discurso do desejo, com relatos da infância, da adolescência, de amigos que participaram de sua escolha profissional. No meio do relato, vieram vários momentos de fala desorganizada, onde perdeu-se no tempo e em interpretações.

Entendemos que, com o referencial teórico psicanalítico escolhido, a sublimação passa a se configurar como um estado de vir a ser do sujeito sujeitado a uma pretensão de identidade profissional. A sublimação do psicólogo entra, nesta discussão, como um processo nunca acabado, mas que possibilita (o entrelaçamento intrapsíquico ao que Lacan chamou de nó borromeano), ao sujeito, construir-se na comunidade com uma proposta laboral.

O desejo de outro é realmente nosso e de outro, porque, se não fosse essa aspiração, não teria lógica a questão teórica/prática da pulsão em direção à sublimação. A “conversa” da pulsão, embora não esqueçamos do referencial do

nome do pai, da mãe como objeto de desejo, e o desejo da criança, fez-nos refletir a proposta metapsicológica de que: a pulsão nasce no corpo e se transforma em trabalho profissional do psicólogo.

Na entrevista, enquanto pronunciava-se em ser psicólogo, o entrevistando contou sobre passagens em escolas psicológicas, sobre experiências profissionais e de seu processo de tornar-se algo que ainda não se definiu.

Então, veio o acanhamento do entrevistado de não saber, e isso nos fez remeter ao entendimento do grande Outro. Teoricamente, é a mãe (Das Ding) que apareceu em “cena” e amamentou, afagou, criou desejo em seu filho/filha. Então, essa mãe simbólica passou a ser o objeto de desejo desse filho/filha. E o não saber, a falta, é da criança não saber-se una, inteira e acastrada. Dependente disso, o sujeito é sujeitado a estes outros, a mãe simbólica e o pai simbólico. Assim, o sujeito vai, ininterruptamente pela vida, aprisionado às identificações, às castrações, aos espelhamentos, aos outros.

Estou falando em simbolismos, não esqueçam que o inconsciente é não lingüístico, mas ele é estruturado como uma linguagem. É a mãe que “entende” o desejo do filho, o filho não entende nada. O filho é que se toma como objeto de desejo da mãe, e também, não é o pai, com seu pênis físico, que faz uma aparência assustadora. Freud não disse isso. Lacan confirma o tempo todo a idéia de Freud e retorna ao entendimento de que a castração é pela palavra.

A falta nos remete a estes tipos de pensamentos... Nosso desejo foi de falar com o outro, com o próximo psicólogo. Encontramos, na fala do psicólogo, através do desejo de desejo do outro, a fala que remete-se sempre ao outro.

A metodologia foi descrita em relação ao discurso do profissional, e não importou a importância lógica da sua condição profissional. Ele falou de seu desejo. Mas quem teve o foco de não distraí-lo dessa questão fomos nós. Tentamos a “lógica” com o entrevistado.

Digamos que ambos (entrevistado-entrevistadora) não sabiam bem o que diziam. Mesmo assim, o importante neste momento não é só a tentativa de compreensão, é tentarmos essa significação.

Nas teorias, faltou falar mais sobre identidade, sobre disciplinas específicas de trabalho ergonômico? Talvez não. Parece que não existe esta tal linguagem dentro dessa metodologia. Aqui mesmo, estamos sempre pensando em ampliar as

informações do desejo pulsional. Podemos observar que a teoria psicanalítica nos esclareceu as primeiras questões teóricas do desejo profissional do psicólogo dentro desse referencial utilizado.

Não podemos falar, pelo entrevistado, do desejo do desejo desse outro. Desejo entendê-lo, dar significado! O profissional? A psicologia tem normas e tecnologia, mas parece soberbo acreditar “fielmente” no seu discurso.

O inconsciente pareceu uma enxurrada calamitosa de discursos, um mar de sombras e segredos onde o outro é o espelho, é a saudade, o tempo. Que tempo é esse do inconsciente? Já sabemos que é o *eu* que estrutura o tempo para o sujeito sujeitoado, é claro que Einstein veio nos dizer o contrário, que o tempo não existe nos termos dessa estrutura convencional científica e anterior a ele.

O que realmente não esperava ouvir, nesta entrevista, e o que, em parte, não estava descrito literalmente, teoricamente, nos escritos e trabalhos até aqui revisados. O entrevistado discursou sobre palavras de Deus. Com uma palavra significativa - Deus - muitos outros significantes e significados apareceram. Temos que relatar as palavras “divinas”, porque “realmente” apareceram no discurso, em entrevista. Inclusive o seu processo imaginário profissional está ligado a essas palavras e a essas questões.

Aprofundamos o foco, o objetivo de investigação, mais precisamente, investigamos alguns significados dados pelo psicólogo na relação com seu desejo, em geral, ligado às questões profissionais.

Logo, veio, também, o fim das entrevistas concluídas. Gostaríamos de ter ouvido mais vinte psicólogos com mais de cinco anos de profissão, mas, provavelmente, não precisaríamos de tantos para ter relatado sobre algumas pontes dessa específica questão: o desejo profissional.

A palavra, que cerca o psicólogo, já parece mais simples para quem o observa falando sobre o desejo profissional dentro de uma perspectiva psicanalítica. Mas, no futuro, diria ele: eu serei um psicólogo, fortalecido de teorias, procurando despertar, querendo responder certo, um tiro certo.

Esse desejo de falar do desejo de desejo do psicólogo não tem término. Estamos razoavelmente satisfeitos com o sentido que demos às palavras: desejo, psicólogo, ergonomia, marco, percurso. O que marca o psicólogo é cada significante de sua fala, o discurso do que ouve, do que examina, do que se identifica, do que

projeta etc... Apesar das palavras “sentido” e significado estarem, aqui, sinonimizados, eles não têm a mesma definição que a psicanálise, este significado que o psicólogo vai dando, no tempo, é um caminho.

O que “marca” o psicólogo é cada significante da fala, algo sonoro. O percurso é o “sentido” sempre em busca de novos significados.

Pode-se dizer que, o que existe de mais garantido sobre esse específico desejo, seja supor respostas onde todas serão diferentes. O desejo de tornar-se psicólogo ocupa algumas considerações, o desejo de ser aquilo que não se sabe, de ser alguém que não se é.

Acabamos de colocar os fundamentos teóricos para a “solução” do problema que constitui nosso tema e, a saber, para as relações da identidade profissional e do desejo no sujeito. A contribuição, que pretendemos trazer, está fundamentada no estudo dos três casos que nos pareceram significativos e onde conseguimos dar o máximo de alcance intrínseco.

Conclusões finais: Os conteúdos sistematizados do desejo, no discurso dos profissionais, não apresentaram qualquer espécie de atividade racional, quer ela seja concebida como oriundas de um juízo primitivamente viciado, ou, então, como um juízo atual.

1. Demonstramos que esses conteúdos exprimem-se imediatamente, sem dedução lógica consciente, mas, manifestamente, através de um simbolismo de suficiente clareza.
2. Esses conteúdos expõem um, ou vários, dos conflitos vitais e essenciais do sujeito, conflitos que se revelam como da causa eficiente da procura por uma profissão.
3. A constituição dessa identidade profissional é secundária ao desejo e impossível de ser definida previamente em traços de caráter/ personalidade, ou da história do sujeito.
4. A fixação, neste momento, de escolha profissional, como um ponto de parada no processo evolutivo do sujeito, possui investimentos sexuais desse estágio sobre o qual a doutrina freudiana pode nos ensinar; a sublimação, enfim, das primeiras pulsões mais voltadas para fins sociais. A fixação, neste estágio, se assemelha, no psiquismo e no sujeito, já definido por BLOS (1962), às tendências que facilitam a imersão da

personalidade no contexto social. A determinação dessa manifestação seria por uma parada evolutiva da personalidade num determinado estágio.

5. Antes desse manifesto verbal, seriam, estas tendências, latentes enquanto sua potencialidade no “real”? Suspeitamos que em certos momentos do comportamento do sujeito, talvez, escapes, frustrações, revelações, estariam ligados ao estágio da adolescência.
6. Compartilhamos da idéia de que a psicanálise é uma das disciplinas estruturadoras do pensamento ergonômico. O desejo, no psicólogo, é da situação de trabalho, ou seja, a ergonomia está contemplada no centro dessa discussão. O desejo, no profissional psicólogo, contempla uma, ou várias, situações de trabalho. O desejo de desejo, no âmbito profissional, é uma situação de trabalho.
7. Não existe uma localização precisa da probabilidade de vir a ser psicólogo.

Pensamento final:

“... Entrei, pela primeira vez, na primeira aula de psicologia, era tudo que eu queria... queria entender tudo de filosofia, sobre experiências de laboratório, sobre cadáveres, músculos, musculatura, logo vi o começo daquela expansão. Não, eu não era mais nada, perdi a fala, falava em apresentações e em longos trabalhos, indo de Agnes Heler à Marx, Moscovici, Freud e Lacan. Estar ali, sentada naquela cadeira, observando outros estudantes, via seus rostos e não conseguia falhar-lhes os nomes, umas aproximações imediatas. Quem seriam esses outros? O que é tentar se tornar um psicólogo num ambiente de idéias e palavras? Pareciam, todos anjos e, às vezes, estranhos, continuávamos a rir. Ver estes estudantes e sendo calada, ouvi muito até tentar aprender a falar esta estranha iniciação em histologia, psicologia, psicanálise, sobre metáfora, psiquiatria e metonímia.” (Morgana L. de Bem)

REFERÊNCIAS

- BEM, M. L.; DE BEM, M. F. L. ; OLIVEIRA, E. S. A. Qualidade de vida na empresa: grupo de integração. In: 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE, 2001, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UFSC, 2001. p. 127.
- BLOS. P. **On adolescence**: A psychoanalytic interpretation. New York, N.Y: The Free Press, 1962
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA M. L. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 8ª ed., Editora Saraiva, 1995.
- BOCK, A. M. B. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, ano 17, n. 2, p. 37-42. 1997.
- BRASIL, MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA - Inep. **Estudo do Inep mostra que 41% dos estudantes não terminam o ensino fundamental**. (2002). Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>> Acesso em: 11 de mar 2003.
- BRYANT, L. Disponível em <<http://www.lacan@yahoogroup.com>> Acesso em: 01 dez. 2002.
- BRYANT, P. Disponível em <<http://www.lacan@yahoogroup.com>> Acesso em: 01 dez. 2002.
- CASTELO BRANCO, M. T. Que profissional queremos formar?. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, ano 18 n. 3, p. 28-35, 1998.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo Brasileiro**. Pesquisa realizada pela WHO. Disponível em: <<http://www.pol.org.br>> Acesso em: 19 abr. 2001.
- DANTAS JUNIOR, A. O Colorido da Alma: os afetos e as fontes pulsionais. **Revista Brasileira Psicanálise**, v. 34, n. 2, p. 239-251, 2000.
- DEJOURS, C. **A carga psíquica do trabalho**. São Paulo: Editora Cortez/Oboré 1994
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: Estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez/Oboré, 1997.
- DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem. Tradução de: Carlos Eduardo Reis. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1989.
- FENICHEL, O. **Teoria psicanalítica das neuroses**. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 1981.

FIALHO, F.; CRUZ, R. **As condutas no trabalho**. Disponível em: <[Http://www.eps.ufsc.br/disciplinas/fialho/psitrab/main.html](http://www.eps.ufsc.br/disciplinas/fialho/psitrab/main.html)> Acesso em: 27 mar 2000a.

FIALHO, F.; CRUZ, R. **O objetivo da psicologia do trabalho**. Parte 2. Disponível em: <[Http://www.eps.ufsc.br/disciplinas/fialho/psitrab/main.html](http://www.eps.ufsc.br/disciplinas/fialho/psitrab/main.html)> Acesso em: 27 mar 2000b.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Psicologia uma introdução**: uma visão histórica da psicologia como ciência. São Paulo: Editora da PUC/EDUC, 1991.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (primeira parte) e sobre os sonhos. In: **A psicologia dos processos oníricos**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. V, cap VII., 1900 –1901. 1 CD-ROM

_____. Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. In: **As aberrações sexuais**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII, 1901-1905a. 1 CD-ROM.

_____. Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. In: **Desvios com respeito ao objeto sexual**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão, v. VII, 1901-1905c. 1 CD-ROM.

_____. Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. In: **Tratamento psíquico (ou anímico) de 1905**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII, 1901-1905b 1 CD-ROM.

_____. “Gradiva” de Jersen e outros trabalhos. In: **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão, v. IX, 1906-1908. 1 CD-ROM.

_____. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. In: **O inconsciente**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão, v. XIV, 1914-1916. 1 CD-ROM

_____. História de uma neurose e outros trabalhos. **Apêndice – Lista dos casos clínicos mais longos de Freud**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão, v. XVII, 1917-1919. 1 CD-ROM.

_____. **Além do princípio de prazer**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão, v. XVIII, 1920. CD-ROM.

_____. O ego e o Id e outros trabalhos. O ego e o id. In: **A consciência e o que é o**

inconsciente. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão. v..XIX 1923-1925a. 1 CD-ROM.

_____. Um estudo autobiográfico Inibições, sintomas e ansiedade. In: **A questão da análise leiga e outros trabalhos.** Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão. v. XX, 1923-1925b. 1 CD-ROM.

_____. **Psicanálise.** Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão. 1926, v. XX, 1926. 1 CD-ROM.

_____. **Porque a Guerra? Einstein e Freud.** Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão, v. XXII, 1933. 1 CD-ROM.

_____. Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise.** Conferência XXXII - Ansiedade e vida instintual. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão, v. XXII, 1932-1936. 1CD-ROM.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente.** 17. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000 (a).

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, v. 2, p.155, 2000 (b).

GODOI, C. K. **Psicanálise nas organizações.** Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado em Administração) - Organizações – Gestão., Universidade Federal de Santa Catarina.

LACAN, J. **Los Escritos de Jaques Lacan.** Escritos 2 / Seis. Del Trieb de Freud y del deseo del psicoanalista. Ediciones Electrónicas. 1964. CD-ROM.

_____. **Propos sur la causalité psychique,** in: Écrits, Seuil, 1966, p. 181.

_____. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise 1954-1955.** Tradução:Marie Chistine Lasnik Penot; com colaboração de Antônio Luis Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. Cap. XXVIII, Seminário II. 1985

_____. **Os Escritos Técnicos de Freud** (Seminário 1 - Livro I). Tradução: Maria Belo. 1ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

_____. **As formações do inconsciente 1957 – 1958.** Livro 5. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, p. 261, 1999.

_____. **El deseo y su interpretación** . classe 1 de 1958. Seminário 6, 2000

LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulo de Psicanálise**. Tradução: Pedro Tamem, 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

LEADER, D.; GROVES, J. **Introducing Lacan**. Ed; Totem books 1996.

MAGALHÃES, M. et al. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 21, n. 2, p. 10-27, 2001.

MELO, S. L. **Psicologia e Profissão em São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1983

MONTMOLLIN, M. **L'Ergonomie**. Paris: Editions La Decouvert, 1986. p. 126. Disponível em: <<http://venus.rdc.puc-rio.br/moraergo/citmontm.htm>> Acesso em: 02 de abr. 2002.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 12ª ed. Petrópolis ,RJ: Editora Vozes, 1994

MINAS GERAIS. Instituto de Educação **Informação Profissional**, Orientação e Seleção Profissional, 1976

MORAIS, A. de. **Ergonomia**. Disponível em: <http://venus.rdc.puc-rio.br/moraergo/define.htm>. Acesso em: 09 de fev de 2002.

MULLER, M. **Orientação Vocacional: contribuições clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1988.

OLIVEIRA, J. F. P. Sublimação e Sexualidad e. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v. XXX , n. 4, p. 941-947. 1996.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (International Labor Organization). Disponível em: <<http://www.ilo.org> > Acesso em: 2002

PEREIRA; S. W. **Uma nova visada sobre o tema da sublimação**. Disponível em : <<http://www.estadosgerais.org/historia/76-sublimacao.shtml>> Acesso em: 17 de mar.2001

REMOR, C. A. M. **Da hermenêutica à psicanálise**. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Pós-graduação em Engenharia de Produção Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, M. L. R. **Personalidade e escolha profissional: Subsídios de Keirsey e Bates para a orientação vocacional**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1992.

The Oxford Companion to Philosophy, Edited by Ted Onderich, Oxford University Press, 1995

WISNER, A. 1994. **A inteligência no trabalho. Textos selecionados de ergonomia.** Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Fundacentro.

ZIZEK, S. Em nome do pai – A construção do mito Lacan. **Folha de São Paulo**, São Paulo, domingo de 8 abr. 2001. Mais!

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

BETTOI, W. **Interação de condições de ensino presentes em disciplina de curso de psicologia com concepções e expectativas de seus alunos em relação à profissão**. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuição da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

FREUD, S. A. O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos. In: **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação da edição de Eduardo Salomão, v. XII, 1911-1913. 1 CD -ROM

GARCIA, I. B. **La sublimacion como um recorrido de la pulsion**. Buenos Aires, 1991. Dissertação (Mestrado em psicologia) Faculdade de Psicologia. Universidad Del Salvador

GROSSEMAN, S. **Satisfação com o trabalho: do desejo à realidade de ser médico**. Florianópolis, 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Pós-graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina.

LACAN, J. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Tradução de: Aluisio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes Silveira Junior. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise**. Seminário. Livro 11: 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1995

LEM, S. **Solaris**. San Diego, New York: Harcourt Brace & Company. 1970

MASOTTA, O. **A dualidade psíquica: modelo pulsional**. Tradução de: Claudia Berliner. Campinas: Papirus, 1986.

MATTIAZZI, B. **A natureza dos interesses e a orientação vocacional**. Brasília: Editora Vozes, 1974.

NASIO, I. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

REICH, W. **A Função do Orgasmo**.: 19. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SCHMIDT, M. L. S. **Psicologia: representações da profissão**. São Paulo, 1984. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

TALLAFERRO, A. **Curso Básico de Psicanálise**. Tradução Álvaro Cabral. 1. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

TARKOVSKI, A. **Sculpting in time: reflections on the cinema**. University of Texas Press, Austin, 1998.

TORIANI, R. DE C. C. ; SANDRINE, W.J. **Profissão. Como escolher, onde cursar**. 1. ed. São Paulo: Editora Érica Ltda, 1998.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 1995.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Curso de informação profissional**. Por Maria José Esteves Vasconcelos, Anna Lúcia de Queiroz Oliveira e Maria Auxiliadora Vieira de Carvalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vigília, 1976.

VILELA, A. M. J. **Forma-se psicólogo: como ser livre como um pássaro**. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

ANEXO 1 – MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Protocolo adaptado de Magalhães et al (2001)

1. O vestibular e a escolha

1.1 Este foi seu primeiro vestibular? (se prestou outro vestibular, qual?)

2. Contexto interpessoal da escolha

2.1 Com quem você costumava conversar sobre a escolha de profissão, este tipo de assunto...?

2.2 Como foram estas conversas?

2.3 Essas conversas contribuíram ou influenciaram de alguma forma?

3. O desejo da escolha

3.1 O que lhe atraiu para a psicologia?

3.2 O que mais lhe atrai na profissão de psicólogo?

3.3 O que você acha de trabalhar como psicólogo?

4. Expectativas profissionais.

4.1 O que é ser psicólogo para você ?

4.2 Quais as gratificações que você espera/ainda espera desta profissão?

4.3 Qual a sua maior angústia relacionada a esta profissão?

5. Identidade e escolha profissional.

5.1 Que tipo de pessoa você se considera?

5.2 Algo particular de teu jeito de ser?

5.3 O que você percebe que o diferencia de outras pessoas?

5.4 Você relaciona estas características com a opção pelo curso de psicologia?

ANEXO – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

A entrevistada tem 56 anos, está formada a seis anos pela Universidade Federal de Santa Catarina. O curso de psicologia foi a sua primeira opção dentro de um ambiente universitário. A entrevista foi gravada com sua permissão, a mesma preferiu que eu fosse ao encontro no seu consultório.

Com quem você costumava conversar sobre sua escolha profissional, esse tipo de assunto? *Teria que voltar ao tempo de moça, na verdade não era como hoje, que você tem orientação vocacional e conversa com profissionais de cada área; naquela época era uma coisa da cabeça, uma coisa fantasiosa. Não lembro de ter conversado com alguém. Na época, psicóloga em Tubarão era uma coisa rara. Eu lembro dos motivos que me levaram para a psicologia, agora das conversas eu não lembro. Quando eu decidi fazer psicologia eu não tive muitos questionamentos, agora daquela época eu não lembro.*

O que lhe atraiu para a psicologia? *Envolve muita coisa de vida pessoal, tem aquela coisa que agente condena no estudante de psicologia que, é o fato de querer se conhecer, de conhecer suas coisas antagônicas. Tem o desejo de ajudar o outro. Antes da faculdade eu sempre fui uma psicóloga amadora. Tem outra coisa, eu não aceitava a dor humana, o sofrimento da alma, isso é uma armadilha, por que, enquanto psicólogo você faz o contrário do que todo mundo faz, você aprofunda essa dor, enquanto a maioria da população tenta esquecer isso, não dão espaço para vir a dor - dão uma água com açúcar, tentam não pensar nisso-. Aqui no consultório é o espaço da dor com o objetivo de ser entendida, elaborada, resignificada. Continuou com o mesmo objetivo de acabar com a dor humana. Sempre tive um sentimento genuíno de ajudar as pessoas, acredito muito no poder da solidariedade, acredito na cooperação humana. Uma parte disso tem haver com uma auto-imagem idealizada que foi construída pela minha educação germânica, que eu deveria ser nobre, desprendida, altruísta. A cultura do alemão tem coisas muito negativas, agora ele tem um sentido de comunidade muito forte, essa coisa de fazer pelo outro, pelo social, é muito forte. Eu construí uma auto-imagem que era politicamente correta onde, eu esperava isso de mim, hoje eu sei quem sou real, com minhas limitações, mais eu acho que na época (com 21 anos) eu já queria fazer psicologia, será que fui clara?*

O que mais lhe atrai na profissão de psicóloga? *O contato genuíno, porque nas outras profissões e no nosso cotidiano estamos sempre desempenhando um papel, com muitas máscaras e nessa relação terapêutica é realmente o encontro com o ser humano, se entregando para um encontro mais autêntico. **Esse encontro verdadeiro tem haver com a questão teórica.** – Tem haver no sentido que esse encontro autêntico possibilita um vínculo, agora, não estava me referindo a isto, e sim que, o que me atrai é a relação próxima com outro. Nunca me senti bem em ambientes onde tem muitas pessoas e onde não cabe uma aproximação mais próxima. **Como é esse contato mais verdadeiro?** No consultório a pessoa chega com um discurso formado do social, desempenhando um papel e nessa nova*

relação construímos uma relação aonde ela vai expondo o verdadeiro centro dela, os medos, a dor, os desejos mais escondidos, então esse é o contato verdadeiro. Este é o ser real, isso é, o que ela é. O que ela vive no social é o que ela é, somada às máscaras. O que me atrai é isso, eu me comunico, posso ter acesso a ela.

O que você acha de trabalhar como psicóloga? (Tem dificuldades de compreender a pergunta. Entende quando falo do seu trabalho atualmente.)

Ha! Depois da minha faculdade eu fiz minha formação em Gestalterapia, me considero aprendiz de gestalt, acho que a gestalt é uma arte onde o psicoterapeuta cria no momento necessário uma vivência para a pessoa aprender a dar um passo a mais. Mas, a medita que vou me aprimorando nisso eu me realizo. Quanto fica somente à nível verbal precisa de muito tempo. Claro, nem sempre você vê acontecer essa mágica, então muitas vezes é uma profissão solitária, por isso estou numa clínica com outros profissionais. Aqui, na hora da consulta tenho que contar com os meus recursos, não posso pedir para a pessoa parar de chorar e consultar um livro. Tem momentos que, quando eu consigo ser uma psicóloga que tem haver comigo, que eu vejo resultados, que eu ajudei a pessoa, é muito gratificante. A medida que a gente vai trabalhando agente vai sabendo que é um trabalho de conta gotas. É muito mais horas de transpiração do que de acontecer esse resultado, que a pessoa teve uma vivencia significativa. As vezes, agente fica patinando, tem a resistência do cliente, tem a nossa parte também de não conseguir achar o caminho com esse paciente, isso é um pouco frustrante. Com o tempo você vai aceitando que é assim mesmo, aprendendo que é assim o processo, que a gente não tem que se angustiar com isso, o que agente precisa ficar atenta, é o quanto está colaborando para essa pessoa não sair da resistência. No começo ficava muito angustiada, hoje não, não tenho ansiedade de resolver a situação do paciente.

O que é ser psicólogo para você? (Um grande intervalo de fala). *Não sei, acho que tem haver com isso que estou te falando. Se fosse falar de uma maneira bem simplista seria ajudar o outro a se ajudar. Acho que o terapeuta não deve ter poder sobre o cliente, mas ter o poder sobre a realidade. O cliente vem porque está mal, está bloqueado, só vendo uma porta. Então, o terapeuta tem que mostrar que existem várias portas, o cliente vai fazer o que achar melhor. Agente tem que ser artista, entre o equilíbrio, dar suporte, apoio e acabar com suas fantasias, fazendo que ele não fique no papel de vítima, se responsabilizando pela própria vida. E isso é uma arte, no sentido do equilíbrio entre dar suporte e puxar o tapete. Isso me causa um certo sofrimento, eu sei que é a hora de mostrar, de puxar o tapete e a pessoa resiste, e eu saio e fico pensando se era a hora, mas depois as pessoas me dão o feedback positivo. Não sei se estou respondendo. Acho que a função também é conciliatória, no sentido de lavar a roupa suja e resgatar a possibilidade de reconciliação com o outro, seja lá quem for.*

Quais as gratificações que você espera desta profissão? *O reconhecimento enquanto uma profissional séria, comprometida com a profissão. O reconhecimento social como o artista que, quando se dedica, estuda, faz uma obra de arte e as pessoas dizem: “que legal, um trabalho sério”. Não tenho a ambição de ser uma expoente, de ser uma figura que se destaque, quero ser reconhecida pelos clientes e pela comunidade. A outra gratificação é ver que você ajudou a pessoa a se ajudar, que aquilo valeu para pessoa, para sua qualidade de vida. E o retorno*

financeiro. Espero ganhar mais, é a única gratificação que ainda não experimentei pelo quanto investi. Diria que eu tenho um retorno vergonhoso, mas isso é um problema social maior, todos os profissionais estão ganhando mal, no consultório em termos financeiros eu dou mais do que ganho. Agora eu não me eximo de admitir que tenho dificuldade de vender meu peixe, vejo pelas outras pessoas, minhas amigas, elas se vendem de tal forma que eu babo.

Qual sua maior angustia relacionada a esta profissão? Tudo o que estou trabalhando com uma pessoa tem que estar coerente com a minha vida, eu digo pro outro e eu não faço. Tento sempre essa coerência e faço isso comigo, fico sempre me olhando, como eu lido com isso. Esse tipo de pensamento vem do meu treinamento da gestalt, de estar olhando o outro e me olhando, coisa que acho muito saudável. Agora, fora do consultório surge sempre essa questão que é angustiante, porque eu me acho falsa, tipo: “que belo discurso você tem”. **É como se houvesse uma cobrança profissional.** Enquanto profissão e enquanto ser humano não dá para separar muito. “É o meu ser humano do jeito que eu sou que atua como psicólogo”. Outra coisa que angustia é ter feito leituras psicológicas dos filhos, dos parentes, claro que hoje não atuo por essa angustia, mas vejo o que fiz como mãe e tento ter uma posição reparadora com meus filhos, o que está feito está feito, se eu fiz é porque não sabia, tenho o compromisso de atuar agora com responsabilidade, hoje eu tenho consciência sem angustias e sem culpa. **Não tem culpa?** Quando agente sai da culpa está livre para a ação reparadora, um compromisso de livre escolha.

Você teve planos para depois de formada? Muitos, eu queria experimentar todas as áreas. Na organizacional eu me decepcionei, não estou generalizando, mas, a maioria dos consultores de empresa tem um discurso de auto promoção, eles tem que mostrar serviço. Na prática nem sempre estão a favor do humano. Não sei se fui clara, em relação à mudança dentro da organização, por exemplo, os consultores dizem que tem que mudar algo, quem não mudar por bem, muda por mal, agora nem toda mudança é salutar. Fica muito nessa coisa de dizer e ir de encontro ao desejo do empresário e os funcionários ficam em segundo plano, fica só um discurso. Eu não quis entrar nesse papel, eu me sentiria uma falsa. Agora na jurídica eu adorei, **só um pouquinho, esse plano de experimentar eram claros para você depois de se formar...** Era, claro, já nos últimos anos da faculdade eu fui me encaminhando para a organizacional, na verdade as duas coisas foram acontecendo juntas, fui experimentando e me encaminhando pelas áreas. A jurídica eu gostei muito, o que não gostei foi da instituição, para colocar no papel o meu trabalho, o advogado da outra parte distorcia tudo. A estrutura é muito perversa, fui me encaminhando para a clínica. Claro, no começo não sabia se era a clínica que eu queria, vou ou não vou, um rolo. À medida que você baixa a ansiedade o trabalho fica mais prazeroso.

Que tipo de pessoa você se considera? Essa é difícil de responder, hoje eu me considero uma pessoa feliz, antes, como te falei eu tinha uma imagem idealizada de como eu deveria ser. Pela minha educação agente tinha que ser perfeita. Era muito sofrido de admitir essa imperfeição, para ser psicóloga tive que trabalhar todos os meus aspectos, inclusive com o lado sombra. Antes eu só fazia contato com as

partes boas, depois que fiz contato com o lado sombra pude cercá-la, aceitá-la, aí aconteceu uma coisa interessante, comecei a achar que só tinha sombras. **Lado sombra?** São os meus defeitos, as minhas dificuldades. Luz e sombra são os dois opostos, têm lados diferentes... Lado generosa, lado sádico. Estou usando os conceitos do Jung. Os aspectos do meu ser que foram dissociados pela minha educação. **Deixa eu entender...** Para a gestalt e a analítica temos vários selfs, tem alguns aspectos que agente integra e outros inconscientes que, agente nega. Hoje quando eu digo que estou em paz, quero dizer que hoje me conheço, conheço o lado sombra, a minha luz, as minhas possibilidades, as minhas limitações. Estou administrando bem isso, eu integrei a sombra e agora eu estou no comando dela, eu sei quando ela está presente, se devo dar espaço para ela. **Parece que a sombra está distante... Parece que você busca integrar alguns aspectos, é isso?** Eram aspectos que eu não conseguia integrar. **Hoje a sombra está perto?** Hoje a sombra faz parte do meu auto conhecimento, por exemplo, quando eu digo uma coisa que fere alguém, eu posso ter dito com as melhores das intenções, mas tem um aspecto sádico. **Eu gostaria de entender a dinâmica desse lado sombra e luz...** Eu faço a imagem assim: Você está numa carruagem com poderosos cavalos, só que eles tem o controle, esses seriam os aspectos sombras. A partir do momento de eu tomo as rédeas, sou eu que controlo esses cavalos, então essa sombra fica a meu favor, eles continuam a ser potencialmente perigosos porque podem me jogar no precipício. Agora, se sei dessa possibilidade, eu tenho por livre arbítrio e escolha dizer: "o que quero fazer com isso?" A diferença de aceitar a sombra é do tipo, apareceu meu lado invejoso, eu sou livre para escolher o que vou fazer com isso! Eu aceito o egoísmo. Se, sou livre para escolher, se sou livre para ser egoísta, sou livre para ser generosa. **Hoje você estaria no controle dos seus sentimentos, .. no controle da minha vida.** Não tenho mais atitudes que antes eu não conseguia evitar. Não tenho mais fantasias em relação a mim, perdi as ilusões em relação ao mundo, perdi as fantasias no sentido positivo. Você tem que abrir mão de algumas ilusões preciosas. Não que eu tenha descreditado do mundo.

Algo particular do seu jeito de ser? Sou amorosa, carinhosa, tenho fé na vida, nas pessoas, na possibilidade do saudável e de transmutar. Tenho também tendência ao isolamento, de ser contemplativa. Considero-me uma E.T., muito diferente dos outros, nadando contra maré. Gosto sempre mais do conteúdo do que da aparência, sou saudosista também. Nessa crise de valores, gosto do que é verdadeiramente importante e do respeito pelo outro.

Você relaciona estas características com a opção pelo curso de psicologia? Acho que sim, tem haver com os valores de ser humano, do que o ser humano precisa e que estão a favor do seu bem estar.